

**COLÓQUIO INTERNACIONAL EM
HOMENAGEM A JUDITH TEIXEIRA
AS MULHERES E O MODERNISMO**

LIVRO DE RESUMOS

FLUL, 28 DE OUTUBRO DE 2015

SHIP, 29 DE OUTUBRO DE 2015

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES E
CONFERÊNCIAS DO
COLÓQUIO INTERNACIONAL EM
HOMENAGEM A JUDITH TEIXEIRA
AS MULHERES E O MODERNISMO

TEMÁTICAS SOBRE JUDITH TEIXEIRA

Ana Maria Binet (Universidade de Bordeaux Montaigne, Cátedra de Estudos Portugueses)

Judith Teixeira (1880-1950) ou o Primeiro Modernismo Português no feminino

Judith Teixeira, um dos únicos elementos femininos do período chamado “Primeiro Modernismo” (1910-1925), ficou durante muito tempo envolta numa forma de penumbra, a mesma que cobriu, até à recente edição da sua poesia e prosa¹, a maior parte da sua obra. Uma tonalidade sombria caracteriza, aliás, os seus poemas, que foram ocultados pela censura, que os acusou de participarem de uma “literatura de Sodoma”. Com efeito, a poesia de Judith Teixeira é fruto de uma visão duplamente original para a época, a de uma mulher que tentava impor a sua voz num contexto literário fortemente masculino, mas que era também homossexual, escândalo absoluto num país onde reinava um catolicismo particularmente conservador. Talvez por essa dupla razão, a sua poesia testemunha de um desespero profundo, que se acompanha, de maneira bastante interessante, de um forte impulso místico. Os títulos dos três principais livros de poemas são bastante explícitos no que diz respeito a essa tonalidade sombria: *Decadência*, *Castelo de sombras*, *Nua...* Revelam eles, com efeito, uma sensualidade partilhada entre o corpo feminino e aquela que J. Teixeira chamava a “sua amante”, a morfina. Essa luxúria, que se desenvolve através de uma forma de ritual sagrado, como em *Valentine* de Saint-Point, mundana e futurista, chama a nossa atenção sobre o facto de que os movimentos timidamente vanguardistas que surgem então em Portugal são ainda fortemente marcados pelo Decadentismo. A obra de Judith Teixeira, fruto de uma voz feminina de grande originalidade e força criativa num contexto amplamente dominado pela expressão masculina, foi até agora pouco estudada. No entanto, testemunhando embora dos laços existentes ainda, na segunda década do século XX, entre Decadentismo e Modernismo, essa voz diz a vontade das mulheres de impor uma forma de expressão própria e inovadora. Essa poetisa, que ousou viver e escrever livremente, condenando-se assim à exclusão e ao esquecimento, merece, pois, a nossa atenção, no âmbito deste colóquio que lhe é oportunamente consagrado. Propomo-nos assim trabalhar sobre a pertinência da inclusão da sua obra no âmbito do Primeiro Modernismo, um dos períodos literários mais fecundos na História da Literatura Portuguesa, e a definição do lugar à parte que a sua obra aí deve ocupar.

¹ Cláudia Pazos ALONSO, Fabio Mario da SILVA (organização e introdução), *Poesia e Prosa – Judith Teixeira*, Lisboa, Dom Quixote, 2015.

Palavras-chave: Modernismo, homossexualidade, Decadentismo.

ANA MARIA DE ALBUQUERQUE BINET ocupa a Cátedra de Estudos Portugueses na Universidade de Bordéus. Diretora do Departamento de Estudos Lusófonos e do Grupo de Pesquisa em Estudos Lusófonos, é atualmente Vice-Reitora responsável pelas relações Internacionais da mesma Universidade.

A sua pesquisa divide-se entre a literatura portuguesa contemporânea, sobretudo o modernismo, e a história das religiões, com especial relevo para os movimentos messiânicos no mundo lusófono e o esoterismo ocidental.

Ana Raquel Fernandes (Universidade Europeia – Laureate International Universities)

Judith Teixeira, as Teorias Queers e Feministas em Portugal e na Europa no começo do século XX

Na presente intervenção, à luz da leitura da obra poética e das conferências da autoria de Judith Teixeira (1880-1959), proponho realizar um mapeamento das principais teorias *queer* e feministas em Portugal e na Europa, no começo do século XX, estabelecendo uma comparação com os contextos anglo-americano e francês. De modo a concretizar este objetivo, procuro de início refletir sobre as ideias principais da autora apresentadas nas conferências *Da Saudade* (não datado) e, em particular, *De Mim. Conferência em que se explicam as minhas razões sobre a Vida, sobre a Estética sobre a Moral* (1926). Para a discussão da temática em questão, selecionei alguns poemas que considero representativos dos ideais libertários de Teixeira. Deste modo, os poemas em discussão são também um percurso pela obra literária da autora, tendo-se presente as coletâneas de poesia: *Decadência* (1923), *Castelo de Sombras* (1923) e *Nua. Poemas de Bizâncio* (1926). Pretende-se assim explorar conceitos-chave da poesia judithiana, situando a obra da autora num contexto espaço-temporal português e, simultaneamente, europeu, questionando postulados teóricos, refletindo sobre convenções políticas, sociais, literárias e culturais da época.

Palavras-chave: poesia judithiana, teorias feministas, teorias *queer*.

ANA RAQUEL FERNANDES é Professora Auxiliar na Universidade Europeia International Universities. É doutorada em Literatura Comparada, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Comparatistas. É investigadora no Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa. Recentemente,

concluiu o pós-doutoramento sobre o conto na escrita de autoras contemporâneas inglesas e portuguesas. Colabora com a Cátedra Gil Vicente, University of Birmingham, no Reino Unido, onde é Honorary Research Fellow. É autora de: *What about the Rogue?* (Peter Lang, 2011; Honourable Mention ESSE Book Award 2012), *O Pícaro e o Rogue* (Colibri, 2006) e diversos artigos em revistas acadêmicas nacionais e internacionais.

Angela Laguardia (Grupo de Pesquisa Letras de Minas, da Universidade Federal de Minas Gerais / CLEPUL / Grupo de Pesquisa “Escritoras Brasileiras e Portuguesas: Escrita, Ideologia e Gênero”, da Universidade Nova de Lisboa e Universidade Federal do Ceará)

Judith Teixeira e Tarsila do Amaral: mulheres modernistas na revista Contemporânea

Expressões diferentes e significativas da pena e do pincel da arte modernista, Judith Teixeira e Tarsila do Amaral desempenharam papéis revolucionários em suas áreas. Estas mulheres “modernas”, a primeira na Europa e a segunda no Brasil, compartilharam do mesmo momento histórico em que as correntes modernistas delineavam seus contornos. Símbolos de ruptura com os paradigmas vigentes, suas atuações ultrapassaram o campo estético e concorreram para as mudanças do papel da mulher na sociedade, em um dos momentos críticos da evolução das conquistas e direitos femininos. A presença de Judith Teixeira e de Tarsila do Amaral no mesmo espaço literário, a revista *Contemporânea*, torna-se, pois, um mote instigante para o trabalho que pretendemos analisar, ao considerarmos a existência deste ponto de interseção entre as artes modernistas da escritora e da artista plástica e de seus respectivos países. Ainda nos possibilita indagar sobre os possíveis desdobramentos destes trânsitos atlânticos entre os modernistas.

Palavras-chave: Modernismo, arte, transgressão, modernistas.

ANGELA MARIA RODRIGUES LAGUARDIA é doutora em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa e Mestre em Teoria da Literatura pela UFMG, possui o Curso de Especialização em Literatura Brasileira (PREPES) pela PUC de Minas Gerais e graduação em Letras pela UNIPAC de Barbacena, Minas Gerais. É membro do Grupo de Pesquisa Letras de Minas, da Universidade Federal de Minas Gerais; do CLEPUL, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e do Grupo de Pesquisa “Escritoras Brasileiras e Portuguesas: Escrita, Ideologia e Gênero”, da Universidade Nova de Lisboa e Universidade Federal do Ceará. É autora do ensaio *Fazes-me Falta, de Inês Pedrosa: uma alegoria contemporânea da “Saudade”* (2012). Tem diversos estudos publicados em periódicos e sites acadêmicos no Brasil e Portugal, entre os quais, artigos relacionados à literatura de autoria feminina.

Andreia Oliveira (Universidade de Coimbra)

Judith Teixeira feminista?

Apesar de terem sido deslocadas para as margens durante séculos, as mulheres foram conseguindo escapar a esse caminho que não escolheram, tendo-se afirmado de diversas formas no meio cultural e social. No século XX, o feminismo e as lutas das mulheres por diferentes causas e espaços dos quais estavam afastadas tomam um novo fôlego, bem como a sua tomada de posição e de palavra. Neste seguimento, interessa explorar as posturas das mulheres, nomeadamente as das feministas portuguesas das primeiras décadas do século passado, analisando as suas principais demandas e reivindicações. Assim, coloca-se a questão *Judith Teixeira feminista?*, discutindo-se se efetivamente a poetisa e ficcionista pode ser considerada uma feminista portuguesa, mesmo que não se afirme explicitamente como tal, e quais as razões que o explicam.

Palavras-chave: margem, feminismo, palavra poética.

ANDREIA OLIVEIRA nasceu no Porto em 1990. Licenciada em Estudos Portugueses e Lusófonos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2011), é mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes (variante Literatura Portuguesa e de Expressão Portuguesa), tendo defendido a dissertação “Que o desejo me desça ao corpo: Judith Teixeira e a literatura sáfica” (2013). É doutoranda em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, é também investigadora do projeto “Sexualidade e género nas Literaturas Africanas e a Língua Portuguesa” do Centro de Literatura Portuguesa da mesma instituição, com coordenação do Professor Doutor José Luís Pires Laranjeira. Atualmente encontra-se a preparar a sua tese de doutoramento, intitulada «*Secreto é o ruído dos corpos – erotismo e feminino na poesia de Judith Teixeira, Maria Teresa Horta, Yolanda Morazzo e Paula Tavares*». Colaborou, entre outros, como bolsista de investigação com a equipa do projeto “Novas Cartas Portuguesas 40 anos depois” do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP), é membro-fundador do Grupo de Estudos Lusófonos (GEL) também da FLUP e tem participado em diversos encontros científicos e em publicações da área.

Aldinida Medeiros (Universidade Estadual da Paraíba)

O espaço e o eu em Satânia, de Judith Teixeira

É de conhecimento dos estudiosos da literatura portuguesa que Judith Teixeira não figura nas antologias e coletâneas de textos literários canônicos, como os seus contemporâneos de estética: Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e outros nomes do Modernismo. Todavia, tanto a sua poesia quanto a prosa merecem o destaque dado aos nomes inseridos no cânone, não apenas pela qualidade estética, mas também pela ousadia de romper com o falso moralismo e a estética comportada para a escrita feminina que predominava em sua época. A presente comunicação objetiva uma análise da novela *Satânia*, presente no livro homônimo, para observarmos nesta escrita transgressora de Teixeira as relações entre o espaço e o eu da protagonista, tomando como principal aporte ensaios dos Estudos de Gênero (Duarte, 2009; Dias, 2010; Gomes, 2011; dentre outros), a *Poética do espaço* (1993), de Gaston Bachelard, bem como estudos que abordam elementos axiológicos na elaboração da personagem de ficção (Hamon, 1976; Vieira, 2009).

Palavras-chave: Autoria feminina, cânone, *Satânia*, espaço, protagonista.

ALDINIDA MEDEIROS Leciona literaturas portuguesa e brasileira na Universidade Estadual da Paraíba. Doutora em Literatura Comparada (UFRN) com estágio de doutoramento em Portugal, orientado pelo Professor Doutor António Cândido Franco (Universidade de Évora). Tem experiência na área de Letras, com enfoque para literatura (brasileira e portuguesa) atuando em estudos voltados principalmente para os seguintes temas: estudo de narrativas; romance histórico contemporâneo nas literaturas brasileira e portuguesa; personagens femininas em romances dos séculos XIX, XX e XXI. Publicou comunicações em Actas de congressos e colóquios nacionais e internacionais e artigos em revistas indexadas com quails A e B.

Annabela Rita (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / CLEPUL)

Judith Teixeira: refrações

Esta comunicação pretende observar o modo como Judith Teixeira se autorretrata, se coloca em perspectiva, os lugares e motivos com que se envolve, enquadra e confunde.

Palavras-chave: reflexão, autoretrato, figuração, Judith Teixeira, poesia.

ANNABELA RITA Doutorada e com Agregação em Literatura, que trabalha na sua relação com as outras artes, é professora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Professora/Investigadora Visitante de diversas universidades.

É Presidente do Instituto Fernando Pessoa-LPCL e da Assembleia Geral da COMPARES, Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral do Observatório da Língua Portuguesa, integra as Direcções da *Associação Portuguesa de Escritores* e da Sociedade Histórica da Independência de Portugal e os Conselhos Científicos de diversas instituições (Observatório Político, *Fundação Marquês de Pombal*, Instituto de Cultura Europeia e Atlântica, etc.), é Coordenadora do Grupo de Investigação 4 do CLEPUL. Foi Presidente da *Associação Portuguesa de Tradutores* e do CLEPUL, etc..

Obras principais: *Luz e Sombras no Cânone* (2014); *Focais Literárias* (2012); *Paisagem & Figuras* (2011); *Cartografias Literárias* (2010; S. Paulo, 2012); *Itinerário* (2009); *No Fundo dos Espelhos* (2 vols., 2003-2007), *Emergências Estéticas* (2006); *Breves & Longas no País das Maravilhas* (2004); *Labirinto Sensível* (2003); *Eça de Queirós Cronista* (1998).

António Fernando Cascais (Universidade Nova de Lisboa)

Uma leitura queer da Conferência “De mim” de Judite Teixeira

Na Conferência “De mim”, Judite Teixeira não se limita a replicar aos ataques difamatórios e destrutivos de que foi vítima. O presente texto sustenta que, longe de se retrair numa postura defensiva, a Conferência se alça a um plano programático e doutrinário que reflete quanto já era afirmado poeticamente na obra anterior da autora, funcionando como uma teorização retrospectiva do conjunto dela e assim conferindo à sua obra um carácter bem mais auto-reflexivo e fundamentado do que a crítica duradouramente foi capaz de reconhecer. Provar-se-á que a Conferência não só se articula, no plano ético e político, com tomadas de posição pública e manifestos congéneres, nomeadamente de Raul Leal e de Fernando Pessoa, como os ultrapassa, pois ela é partícipe, de uma forma que antecipa a performatividade *queer* descrita por Eve Kosofsky Sedgwick e Judith Butler, de debates e discussões internacionais seus contemporâneos que atravessaram o Modernismo. A presente análise propõe-se demonstrar que a performatividade *queer* da Conferência é particularmente notória quando convoca autores como Francisco Lagreca, Pierre Louys, Oscar Wilde, Henry-Marx, Renée Vivien ou Valentine de Saint Point para abordar a sua própria poesia dos pontos de vista da autonomia da arte e da autenticidade estético-expressiva (afirmação da *Sinceridade* e da consciência de Mulher e de Artista), da força erótica na emancipação feminista

(invocação da luxúria da *Chama*, da *Força*, da *Violência*, da *Luta*), do desafio da técnica moderna à criação estética e às injunções morais (tema da *Grande Máquina*), ou da estilização autobiográfica da conduta (denúncia da *Maioria*).

Palavras-chave: Judite Teixeira, conferência, performatividade, queer.

ANTÓNIO FERNANDO CASCAIS é Professor Auxiliar no Departamento de Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Coordenou os projectos FCT de I&D: *Modelos e Práticas de Comunicação da Ciência em Portugal* (2004-2009) e *História da Cultura Visual da Medicina em Portugal* (2009-2013). Organizou os nºs 38 – “Mediação dos Saberes”, 33 – “Corpo, Técnica, Subjectividades” e 19 – “Michel Foucault. Uma Análítica da Experiência”, da *Revista de Comunicação e Linguagens*, e os livros *Olhares sobre a Cultura Visual da Medicina em Portugal* (Unyleya, 2014), *Indisciplinar a teoria* (Fenda, 2004) e *A sida por um fio* (Vega, 1997). Investiga e publica nomeadamente nas áreas da Mediação dos Saberes, da Bioética, da Cultura Visual da Medicina e dos estudos *Queer* e de Género.

Catherine Dumas (Universidade de Paris III – Sorbonne Nouvelle)

De si mesma em Artista, ou o Futurismo segundo Judith Teixeira em ‘De Mim’

A minha análise do texto da conferência « De Mim » de Judith Teixeira será levada consoante vários eixos, a par duma aproximação com diversos poemas de Mário de Sá-Carneiro. Para desvendar os significados do termo « Mim », abordarei as poéticas do si desde um ponto de vista narratológico e genérico (identidades sexuais, feminino, etc.). Mais amplamente, tratarei do excesso deste « Mim », excesso de « Verdade », emoção, presença e sentido.

Palavras-chave: poéticas do si, feminino, identidades, excesso, verdade.

CATHERINE DUMAS é professora emérita de língua et literatura portuguesas na Universidade da Sorbonne Nouvelle Paris 3. É autora da primeira tese de doutorado em França sobre a obra da romancista portuguesa Agustina Bessa-Luís et de um livro sobre a mesma autora, *Estética e Personagens* (Campo das Letras, 2001). Interessa-se particularmente no cruzamento das escritas do íntimo e do discurso poético, nas questões de género e no diálogo entre os textos literários e a filosofia no âmbito da literatura-mundo. Publicou numerosos artigos sobre a ficção contemporânea e a poesia portuguesas e brasileiras. Traduziu do português para o francês poesia, ficção, teatro e diários.

Cátia Miriam Costa (Centro de Estudos Internacionais – ISCTE_IUL)

Lurdes Escaleira (Instituto Politécnico de Macau)

Escritas transgressoras: da poesia de Judith Teixeira aos contos e crónicas de Deolinda da Conceição

Nesta comunicação propomos uma viagem entre as escritas transgressoras de Judith Teixeira e Deolinda da Conceição, entre uma metrópole asfíxiante e uma colónia silenciadora. Apesar de representarem gerações diferentes (uma nasce em 1880, em Viseu, e outra em 1913, em Macau), ambas apresentam percursos biográficos e de escrita que resultam no seu apagamento das antologias literárias e dos estudos literários. Embora ambas tenham sido reabilitadas recentemente, através de estudos literários e reedição textual, levanta-se uma questão relativamente à sua produção literária. Foi a sua condição de mulheres transgressoras de uma moral conservadora que ditou o seu silenciamento ou a falta de qualidade literária? Até que ponto o género e a rebeldia face à sociedade de então provocaram o silenciar das suas escritas? Com percursos de escrita diferentes, Judith, ligada à alta cultura e às publicações literárias, e Deolinda, iniciando o seu percurso literário pelos jornais e só quando sai de Macau no final de vida conseguindo a edição literária, são alvo de um movimento persecutório que as leva a enfrentar a exclusão do meio intelectual, pois o escritor só vive enquanto o seu texto pode ser lido e circulado. Contextualizando as suas vivências, em Portugal e em Macau, o ambiente intelectual na metrópole e na colónia e o valor literário dos seus textos, o presente trabalho pretende problematizar, a partir destes dois exemplos, como a questão de género afetou o reconhecimento literário da escrita das autoras.

Palavras-chave: escritas transgressoras, reconhecimento literário, meio intelectual, género.

CÁTIA MIRIAM COSTA é licenciada em Relações Internacionais e Mestre em Estudos Africanos pela Universidade de Lisboa, doutorada em Literatura pela Universidade de Évora, e acaba de iniciar o seu pós-doutoramento em Ciência Política no Centro de Estudos Internacionais – Instituto Universitário de Lisboa. É investigadora no Centro de Estudos Internacionais (ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa) e colabora no Centro de Filosofia das Ciências (Universidade de Lisboa). Desenvolve ou desenvolveu actividades pedagógicas nas seguintes instituições: European Foundation Centre, Asociación del profesorado de Português de Extremadura, Associação de Jovens Jornalistas, INA – Direção-Geral da Qualificação dos Trabalhadores em Funções Públicas, ISCTE-IUL e ISEG. Tem várias publicações em revistas científicas e livros.

MARIA DE LURDES NOGUEIRA ESCALEIRA com formação inicial em Educação de Infância, licenciou-se, posteriormente, em Filosofia pela Universidade do Porto e em Administração Pública pela Universidade de Macau, onde concluiu, igualmente, o curso de mestrado na mesma área. Docente do Instituto Politécnico de Macau desde 1994, obteve uma bolsa de estudo da Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal, ao abrigo da qual se deslocou a Portugal onde concluiu o doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É autora de vários artigos e do livro *Ensino da Tradução em Macau: dos currícula propostos à realidade de mercado*, publicado em 2013.

Chris Gerry (Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro)

Insaciada de Judith Teixeira em inglês: uma primeira versão e comentário

A presente comunicação baseia-se num trabalho ainda em andamento – uma tradução para a língua inglesa do conto intitulado *Insaciada* escrito em 1927 por Judith Teixeira. O meu objetivo principal é de ler alguns breves extratos da tradução, colocando certas questões e tirando algumas conclusões iniciais relativamente às seguintes temáticas: (a) aspectos técnicos do ato de tradução levantados por este exercício; (b) o lugar da prosa de Judith Teixeira na sua obra literária; e (c) os contornos da relação entre a poesia e a prosa produzidas por escritoras portuguesas na década de 1920. O meu desejo é que, nas melhores tradições de colóquios académicos, o feedback crítico de participantes interessados contribua tanto para um produto final de maior qualidade como para reforçar a minha motivação de verter para o inglês a obra *Satânia* – um conto de Judith Teixeira mais extenso e mais desafiador.

Palavras-chave: Judith Teixeira, modernismo português, tradução literária, estratégias de tradução, contos.

CHRIS GERRY Doutorado em Economia, é Professor Catedrático da Teoria e Política Económicas na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Director do Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD) e investigador-colaborador do Centro de Estudos em Letras (CEL). Tem publicado numerosas livros, capítulos e artigos referentes ao empreendedorismo, ao impacto da globalização em meio rural, e ao processo de desenvolvimento regional e local. Tendo efectuado traduções (mormente técnicas mas, mais recentemente, literárias) ao longo da sua carreira, nos últimos anos se debruçou sobre as traduções feitas por Florbela Espanca, e o papel das autoras-tradutoras portuguesas na constituição da profissão de tradutor na viragem do século XIX-XX. Nas referidas áreas, as suas principais publicações são as seguintes:

- Gerry, Chris. 2009. “Figurative resonances between the translation work and short story writing of Florbela Espanca”, *Revista de Letras*, UTAD, Vila Real. Nº 8: pp. 271 - 293. ISSN: 0874-7962.
- Gerry, Chris. 2010. “Biographical resonances in the translation work of Florbela Espanca”. In Maher, B. e Wilson, R. (orgs.) *Words, sounds and images in translation*. Londres: Continuum Publishing Corporation, pp. 26 - 44. ISBN: 9781441172310.
- Gerry, Chris e Reis, J. E. 2011. A outra Florbela Espanca: reflexões sobre a prosa romanesca e ficcional traduzida. In Sarmento, C. (org.) *Diálogos interculturais: os novos rumos da viagem*, Actas da Conferência Internacional, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP), Instituto Politécnico do Porto (IPP); Porto: Vida Económica Editorial, pp. 181 - 202. ISBN: 978-972-788-413-1.
- Gerry, Chris. 2012. “Florbela tradutora”. In Vilela, A.L; Cândido Franco, A; Dal Farra, M.L; e da Silva, F. M (orgs) *Florbela Espanca. O espólio de um mito*. Número Especial (Nº 21) da revista *Callipole*, Lisboa/Vila Viçosa: Colibri/C. M. de Vila Viçosa, pp. 163 - 183. ISBN: 978-989-689-266-1.
- Gerry, Chris, 2015. “A tradutora (des) mascarada: acerca da permeabilidade entre os diferentes esforços criativos da autora-tradutora”, in *Obras Completas de Florbela Espanca*, vol. IV, *As Máscaras do Destino*, Pazos Alonso, C. e da Silva, F. M. (org., fixação crítica dos textos e notas), Lisboa: Editorial Estampa, pp. 41-64.
- Espanca, F. (em preparação). *Collected Short Stories*. Trad. Gerry, Chris; Contextualização e apresentação crítica Gerry, C. e Dal Farra, M. L.).

Cláudia Pazos Alonso (Universidade de Oxford)

(Re)pensar as escritoras e a Modernidade

Esta palestra visa analisar a conturbada relação entre mulheres de letras e modernidade no intuito de (re)pensar o seu lugar, quase sempre marginal no cânone oficial, entre o silêncio e o escândalo – não apenas ao longo do lento dealbar da modernidade a partir de meados do século XIX, mas ainda muito posteriormente. A ausência de edições atualizadas de várias obras pioneiras – com introduções apoiadas em novas pesquisas científicas que ajudassem a lançar nova luz sobre alguns percursos literários notáveis – tem seguramente prejudicado uma melhor compreensão de um leque bem mais amplo de escritoras do que aquele que a história literária tradicional nos tem vindo a legar e, deste modo, continua a perpetuar o esquecimento de textos que poderiam (e deveriam) constituir pontos de referências. Valendo-nos de um enquadramento crítico feminista, iremos recorrer aqui a dois momentos de viragem, separados por mais de meio século (as décadas de 1860 e de 1920). Num

primeiro momento discutir-se-á o teor das intervenções públicas de escritoras do século XIX, nomeadamente Ana Plácido e Francisca Wood, que ainda hoje permanecem completamente à margem do cânone oitocentista, com especial destaque para esta última. Num segundo momento, centrar-nos-emos sobre as tentativas de silenciamento que acompanharam as trajetórias de Florbela Espanca e sobretudo Judith Teixeira, utilizando os seus manuscritos como ponto de partida para aferir a força irreprimível que se desprende das suas (r)escritas no tocante a questões ligadas a identidade, modernidade e género.

Palavras-chave: século XIX, modernidade, silenciamento, escândalo, reedições.

CLÁUDIA PAZOS ALONSO é Professora Associada de Estudos Portugueses e Brasileiros na Universidade de Oxford. Os seus interesses de investigação incidem sobre os séculos XIX e XX, com especial destaque para questões de identidade, modernidade e género. Entre os seus livros contam-se *Antigone's Daughters? Gender, Genealogy and the Politics of Authorship in 20th Century Portuguese Women's Writing* (com Hilary Owen); *Reading Literature in Portuguese* (com Stephen Parkinson); *A Companion to Portuguese Literature* (com Stephen Parkinson e T. F. Earle); *Closer to the Wild Heart. Essays on Clarice Lispector* (com Claire Williams) e *Imagens do Eu na Poesia de Florbela Espanca* (Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997).

Prepara, com Fabio Mario da Silva, uma nova edição das *Obras Completas de Florbela Espanca* para a Estampa, de que já saíram os três primeiros volumes, e ainda uma edição das obras de *Judite Teixeira, Poesia e Prosa* para a Dom Quixote.

Deolinda M. Adão (Universidade de Berkeley)

Portuguese Women Writers Controlled, Silenced, or Otherwise Ignored Voices

The main aim of this paper is to establish a possible link between artistic production and socially accepted aesthetics, and particularly the gendering of both. To this end, one must start by questioning the parameters that guide both the construction of socially and culturally accepted aesthetics and the artistic production that either adopts or rejects those aesthetics. Without entering into the discussion of aesthetics which has kept philosophers fully engaged since Socrates, there are a few notions that I intend to address in this paper. One, is the notion introduced by Plato that the production of art is threatening to society. So much so, that he would have preferred not to allow poets and playwrights in his Republic. Since banning them would be impossible, he advocated heavy censoring of the artistic production not only of poets and playwrights but also of musicians and

painters. In sum, according to Plato the arts have the power to influence humans and mold character; as such, art producers must be strictly controlled. This concept, which seems to provide justification for censorship as a whole and in any form, can also be viewed as a considerable driving force in canon construction. The intrinsic connection developed by the founders of Western thought linking beauty and goodness and in opposition ugliness and evil has been fundamental to the construction of Western aesthetics and hence art production. Since, as Socrates defended,² beauty is relative, we must logically infer that as such, each society is able to construct its own notion of goodness through the construction of a socially endorsed notion of beauty. This process is amply found throughout the history of the Western world and goes well beyond the realm of art production. In any event, for my purposes I will only concern myself with literary production and more specifically on how these arbitrarily constructed aesthetic parameters impact feminine literary production, particularly that of Portuguese women writers in the last one hundred years. Of the hundreds of women who wrote and published in Portugal over the last century, many of whom remain unknown to this day, I will focus only on Ana de Castro Osório, Florbela Espanca, Maria Lamas, Judith Teixeira, and Natália Correia. The work of these five women, published during their respective lives and posthumously, is known to a varying degree in Portuguese academic and literary circles. However, several questions remain: Are any of these women considered canonic Portuguese writers? Does their writing correspond to the accepted aesthetic parameters of their time? How are they represented, or are they even included, in histories of Portuguese literature? How is present day academia reading these authors and their texts? This paper aims to address some of these questions and attempt to include the writing of Portuguese female authors in the wider discussion of aesthetic values and canon construction in all areas of art. To some extent, I will also address that which is perhaps the most significant question when discussing the artistic production of women: Were these simply writers who happened to be women, or is there something that sets these writers apart in such a way that they should be grouped in a sub-division of literary producers identifies as “women writers”?

Palavras-chave: Aesthetic norms, gendering, cannon construction, censorship, female authorship.

² Plato, *Hippias Major and Symposium*.

Eliana Luiza dos Santos Barros (CNPq – Grupo Figurações no Feminino e Analista membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro)

Entre dores: Judith e Florbela

Em Portugal, século XX, Judith Teixeira e Florbela Espanca foram contemporâneas e ambas tentaram romper com as amarras impostas pela sociedade daquela época, ressignificando o lugar da mulher e apresentando um saber sobre a dor. Ao debruçar sobre a escrita das poetisas percebe-se que o sofrimento atravessa suas produções poéticas, guardando as devidas diferenças. Neste trabalho pretende-se tecer algumas considerações em torno da dor, buscando uma articulação da psicanálise com a literatura a partir de fragmentos da vida e obra das escritoras.

Palavras-chave: Judith Teixeira, Florbela Espanca, dor, Psicanálise, Literatura.

ELIANA LUIZA DOS SANTOS BARROS Psicóloga Clínica, Pós graduação em psicologia clínica, Mestre em Literatura Portuguesa/UERJ, Psicanalista membro do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro.

Integra o grupo de pesquisa do CNPq, intitulado “Figurações do Feminino:Florbela Espanca et Alii”.

Elisa Moraes Garcia (Universidade Federal do Rio Grande)

Joice Fagundes Martins (Universidade Federal do Rio Grande)

A rosa e representação do corpo erótico na poesia de Judith Teixeira

Judith Teixeira (1880 – 1959), poetisa portuguesa, teve seu período de produção na década de vinte em Portugal, cujos campos literário e artístico eram dominados pelo código patriarcal. Sua obra se destaca, além da influência de estéticas como decadentismo e simbolismo, pela ruptura com as convenções estéticas e sociais, tendo o erotismo como uma de suas temáticas mais preponderantes. Segundo Giavara (2015, 158) “(...) enquanto as representações femininas geralmente buscavam eclipsar o aspecto erótico ou associá-lo ao pecado, a escrita judithiana aposta em um feminino altamente sexuado que não retrocede diante do desejo e, por isso, entrou em desacordo com a turba ainda apegada aos velhos padrões morais (...)”. O corpo feminino, erótico, é objeto de muitas de suas poesias, seja pela descrição dos corpos sexuados, de atos sexuais, ou mesmo pela utilização de símbolos que tentam forjar o sexo feminino, promovendo múltiplas leituras. O uso da imagem da

rosa, que aparece em poemas como “Rosas Pálidas”, “Rosas vermelhas”, “Flores do Cactus” e “Venere Coricata”, é um exemplo de como Judith simboliza a carne feminina, o seu sexo: “Se há interdito, é, a meu ver, de alguma violência elementar. Essa violência é dada na carne: na carne que expõe o jogo dos órgãos reprodutores.” (BATAILLE, 1987, 86). A partir da utilização da simbologia da rosa/flor pela poetisa enquanto sexualidade feminina/carne, o presente trabalho se propõe a analisar os elementos eróticos na poesia de Judith Teixeira, e como o corpo feminino é construído por esse viés, rompendo os padrões de sua época.

Palavras-chave: Judith Teixeira, erotismo, corpo feminino, rosa/flor.

ELISA MORAES GARCIA é aluna do curso de Letras-Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), bolsista de Iniciação Científica do CNPQ, participando do projeto de pesquisa “Literatura Feminina e Escritas de Si”, orientada pela professora Michelle Vasconcelos. Também é membro do Grupo “Vozes Femininas e Escritas de Si” do CNPQ, vinculado à FURG, no qual vem desenvolvendo estudos sobre escritoras da Literatura Portuguesa.

Elisangela da Rocha Steinmetz (Universidade Federal do Rio Grande)

Um espaço reservado – o quarto. De portas abertas... em versos de Judith Teixeira

Permeado por uma aura de encantamento, o espaço do quarto, nos poemas de Judith Teixeira, convoca o amor. É mais que simples cenário o quarto é *aliado* no jogo de sedução, que submerge os seres em voluptuosas águas de êxtase. Olhar para dentro desse espaço tão íntimo e reservado – o quarto – é penetrar num espaço de aconchego, de refúgio, de segredos, um espaço mágico e o único do qual as mulheres puderam dispor com um pouco mais de liberdade; numa época em que a elas o espaço público, como bibliotecas, por exemplo, tinha as suas portas fechadas, como nos revela Virginia Woolf, em seu conhecido ensaio *Um teto todo seu* (1929). “O quarto seria por excelência o lugar das mulheres, seu tabernáculo. Tudo concorre para encerrá-las aí (...). Mas elas viveram nesses quartos, trabalharam, leram suas cartas de amor, devoraram livros, sonharam. Fechar sua porta foi a marca de sua liberdade” (PERROT, 2011). Assim, a proposta deste trabalho é observar como, *ao abrir a porta do quarto diante do leitor*, a autora torna o quarto um espaço de transgressão, *cúmplice* de ardentes enlaces amorosos, onde o movimento erótico transposto em versos faz desse não apenas um espaço físico, mas um espaço *ideal*, onde inexistente a barreira de suas quatro paredes.

Palavras-chave: Judith Teixeira, Erotismo, Quarto, Mulheres.

ELISANGELA DA ROCHA STEINMETZ é formada em Letras e possui especialização em Língua Portuguesa e Literatura. Atua como professora na rede estadual de ensino do estado do Rio Grande do Sul. Participou de várias Oficinas de Criação Literária, entre elas a ministrada pelo escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, na qual foi uma das organizadoras da antologia de contos *Estranhas Ficções de Tempo, Morte e Utopia* (2014) onde também teve contos seus publicados. É coautora do romance *Apolinário e Esmê – Luz e sombra no paralelo 30* (2009), trabalho organizado pelo professor e escritor Luís Augusto Fischer. Atualmente cursa o mestrado em História da Literatura na Universidade Federal do Rio Grande, onde estuda o fantástico nos contos de Florbela Espanca, tendo como orientadora a professora Dr^a Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento.

Fabio Mario da Silva (Universidade de São Paulo / FAPESP / CLEPUL)

A Saudade em Judith Teixeira

Podemos observar que o lexema “saudade” comparece sob dois viés na obra de Judith Teixeira. Apenas com a publicação dos inéditos da autora, na obra *Prosa e Poesia* (Org. Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva), ficamos a saber da viragem na perspectiva de como Judith se relaciona com este tema tão presente na cultura portuguesa, mudança essa mais explicitamente contida no manifesto inédito intitulado *Da Saudade*. Nossa proposta de comunicação é identificar qual o sentido que a saudade tem e com que frequência é referenciada em sua poesia, confrontando com o manifesto inédito, que claramente revê o entendimento deste vocábulo, visto que Judith nega à saudade a beleza intrínseca cantada em sua poesia porque ela só exprimiria o «gosto amargo dos infelizes».

Palavras: saudade, Judith Teixeira, modernismo.

FABIO MARIO DA SILVA é pós-doutorando em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo, com um trabalho voltado para uma edição moderna do primeiro texto épico escrito por uma mulher em língua portuguesa, *Memorial da Infância de Cristo* de Soror Maria de Mesquita Pimentel; é doutor em Literatura (2013) com o trabalho “Cânone literário e estereótipos femininos: casos problemáticos de escritoras portuguesas” e mestre em Estudos Lusófonos (2008) com uma dissertação intitulada “Da metacrítica à psicanálise: a angústia do ‘Eu’ lírico na poesia de Florbela Espanca” pela Universidade de Évora (Portugal). É pesquisador do CNPq, com um projeto intitulado “Figurações do feminino: Florbela Espanca et alii”, sediado na Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação da Professora Doutora Maria Lúcia Dal Farra. Também é

investigador integrado do CLEPUL(Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras) e membro colaborador CEC (Centro de Estudos Clássicos) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Também integra a equipe do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP) da Universidade Federal de Sergipe. Atualmente dirige, em conjunto com a Professora Cláudia Pazos Alonso (Universidade de Oxford), a edição crítica das *Obras Completas de Florbela Espanca* pela Editora Estampa (Lisboa) da qual saíram já os volumes *Livro de Mágoas* (2012), *Livro de Soror Saudade* (2012), *Charneca em Flor* (2013).

Iliyana Chalakova (Universidade de Sofia)

O corpo enquanto sujeito e a crise da bipolaridade de género na poesia de Judith Teixeira

A interpenetração entre vida e obra no caso de Judith Teixeira confirma a possibilidade de exploração do lado social e psicológico da escrita literária. Contando com esta opção, a comunicação pretende fazer uma apreciação do tema do corpo nos poemas de quem é considerada a primeira modernista portuguesa. Primeiramente, o texto lançará a tese da existência de um corpo, ele próprio sujeito da enunciação lírica, explorando o interior sexual expresso pelo enunciador em função do estímulo vindo pelo seu objeto de desejo. Privilegiar-se-á a reflexão sobre o valor subversivo das práticas sexuais do corpo no contexto do meio social português nas primeiras décadas do século passado. Chegar-se-á à conclusão da substituição do clássico sujeito lírico por um novo sujeito privilegiando a experiência erótica da sua corporeidade, ou seja, de um corpo-sujeito na poesia. Por outro lado, mostrar-se-á como este novo corpo-sujeito é marcado pela impossibilidade de ser definido pelo eixo de género exclusivo masculino-feminino. Revelar-se-á como o corpo-sujeito na obra poética de Judith Teixeira absolutiza a existência sexual e não se deixa restringir pela moldura compulsória imposta pelo contrato heterossexual, devido precisamente à crise da bipolaridade de género, tal como debatida na Teoria *Queer*. Em termos globais, o texto usará os exemplos de performatividade dos atos sexuais na obra poética de Judith Teixeira para sustentar a ideia da multiplicidade identitária e da inutilidade dos esforços de obrigatoriamente traçar a reprimidora linha divisória entre vida literária e vida real.

Palavras-chave: poesia, corpo, sujeito, género.

ILYANA CHALAKOVA é licenciada em Filologia Portuguesa pela Universidade de Sófia “St. Kliment Ohridski” e mestre em Tradução e Edição pela mesma universidade. Possui um segundo mestrado em Estudos

sobre as Mulheres pela Universidade Nova de Lisboa e fez um Curso de Especialização em Língua e Culturas Portuguesas na Universidade de Lisboa como bolsista do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua. Atualmente, é doutoranda na Universidade de Sófia a trabalhar numa investigação dedicada à perspetiva sociológica na literatura portuguesa contemporânea. Desde 2005, trabalha como jornalista de economia, tradutora e professora no Departamento de Línguas Ibero-Românicas na Universidade de Sófia, onde leciona cursos de língua portuguesa contemporânea, tradução teatral e tradução económica. Entre as suas áreas de interesse figuram a perspetiva de género por meio do código corporal na literatura portuguesa, a dramaturgia portuguesa contemporânea e as literaturas africanas de expressão portuguesa.

Inês Pedrosa (Escritora)

Judith Teixeira e Maria Teresa Horta: poéticas do corpo

Esta comunicação incide sobre duas colectâneas de poemas separadas por oitenta anos: *Nua, Poemas de Bizâncio*, de Judith Teixeira (1926) e *Inquietude*, de Maria Teresa Horta (2006). Há nesta escolha uma inflexão propositada em relação aos “livros-bandeira” das autoras em causa – designadamente, *Decadência*, de Judith Teixeira (1923) e *Minha Senhora de Mim*, de Maria Teresa Horta (1971)³. Pretende-se não só mitigar o rumor social, já vastamente abordado, em torno dessas obras de referência, mas sobretudo entender os caminhos de maturação e maturidade seguidos pelas autoras – *Nua* foi a terceira e última recolha de poemas de Teixeira e *Inquietude* é já uma obra do novo milénio e dos nossos dias, de uma escritora que, sob o silêncio quase sistemático da crítica e a exclusão quase absoluta de todas as antologias nacionais, continua a construir uma obra poética inconfundível e desafiadora. A implosão erótica da voz poética de Judith Teixeira e o erotismo explosivo da poesia de Maria Teresa Horta definem diferentes e transgressoras abordagens aos temas do corpo e do desejo, que procuraremos explicitar.

Palavras-chave: corpo, poema, sexo, estigma, criação.

INÊS PEDROSA (1962, Coimbra) publicou sete romances: *A Instrução dos Amantes* (1992), *Nas Tuas Mãos* (1997, Prémio Máxima de Literatura), *Fazes-me Falta* (2002), *A Eternidade e o Desejo* (2007), *Os Íntimos* (2010, Prémio Máxima de Literatura), *Dentro de ti ver o mar* (2012) e *Desamparo* (2015). Publicou também contos,

³ Título homenageado na citação re-elaborada do título *Minha Senhora de Quê*, o primeiro livro de poesia de Ana Luísa Amaral, publicado em 1990 (19 anos depois de *Minha Senhora de Mim*; 19 anos é também a diferença de idade entre Maria Teresa Horta e Ana Luísa Amaral; separa-as, portanto, uma geração).

crónicas, ensaios e biografias. Os seus livros estão publicados na Alemanha, no Brasil, em Espanha e em Itália. É cronista do semanário *Sol*. Licenciada em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, encontra-se actualmente a fazer o Doutoramento em Literatura na mesma Universidade.

Isa Severino (Instituto Politécnico da Guarda)

Florbela Espanca e Judith Teixeira revisitadas

Propomo-nos, no âmbito deste congresso, visitar a obra poética de Florbela Espanca e de Judith Teixeira, no sentido de perceber o papel irreverente das duas poetisas, ambas vítimas de um “generalizado conservadorismo público”, de uma censura que, sob diferentes formas, lhes foi imposta e que concorreu para o esboroamento da sua presença no panorama social e literário. Contudo, a sua obra reclama sucessivas leituras, as quais perduram e se repercutem no tempo, levando à reedição da obra das escritoras e conseqüentemente ao seu estudo. Neste contexto, é nossa intenção incidir sobre obra poética das autoras, centrando a nossa atenção em aspetos que as aproxima – a afirmação do desejo, o enaltecimento do corpo, a sensualidade transbordante –, elevando-as ao estatuto de “poetisas malditas”. Iremos ainda percorrer os papéis identitários por elas assumidos na representação do “eu”.

Palavras-chave: Poesia, reavistação, Florbela Espanca e Judith Teixeira

ISA VITÓRIA SEVERINO é Professora Adjunta do Instituto Politécnico da Guarda. Possui uma licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas – variante de Estudos Portugueses, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, um mestrado em Estudos Portugueses pela Universidade de Aveiro e um doutoramento em Literatura pela mesma universidade.

Tem participado em congressos nacionais e internacionais, tendo publicado artigos em revistas científicas e livro de atas de congressos.

Isabel Nena Patim (Universidade Fernando Pessoa / CLEPUL)

Timing & Spacing Judith Teixeira’s (in)visibility – brief notes towards comparative and intertextual approaches

Taking the study of criticism as our point of departure, we aim to briefly identify issues, theories and critical approaches that have given textual meaning to Judith Teixeira’s poetics. In this way, we

believe it may be possible to establish a comparative and intertextual approach to this Portuguese writer's work. This will be done by questioning: (a) the role that information concerning the author may play in interpretation; (b) the role that the genre of a text plays in making sense of the text; (c) the metacritical significance of the text's original environment or context; (d) issues linking text, reader and author; (e) and the context in which the text is made sense of, at a micro level of study. With this range of questions in mind, we will focus on the literary discourses and cultural representations that have helped shape the poetics of both the Portuguese writer Judith Teixeira and the contemporary Canadian poet and novelist Dionne Brand, by drawing on thematic, linguistic and sociocultural issues, as well as reflecting on the contribution Queer theory may make to understanding the (in)visibility of Teixeira's poetics.

Palavras-chave: Judith Teixeira, Dionne Brand, poetics, gender, (in)visibility.

ISABEL NENA PATIM Professora Associada da Universidade Fernando Pessoa, Porto e Ponte de Lima. Docente de Língua Inglesa para Fins Específicos, Estudos Canadianos Anglófonos, e Português para Estrangeiros (metodologia non-level EUFICCS). Membro fundador do CLCL – Centro de Línguas, Culturas e Literaturas, em Ponte de Lima (2001-2011). Membro integrado do *Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias* (CLEPUL). Como docente e investigadora tem colaborado com outras instituições de ensino superior, em Portugal, no Canadá, e em vários países Europeus no âmbito de programas de apoio à mobilidade docente. Bolseira de projetos de investigação do ICCS – *International Council for Canadian Studies*, como IR em 2004 (FRP) e 2007(FEP), e como membro de equipa em 2006 (IRP). Investigadora do projeto europeu EUFICCS – *European Use of Full Immersion, Content, Culture and Service*. A área de estudo privilegiada é a Literatura no Canadá. Tem publicações nas áreas da Literatura, Línguas e Culturas, Tradução e estudos interdisciplinares da Literatura com outras áreas (Literatura & Medicina, 2002; Ambiente, 2004; Religião, 2006; Geografia e Migrações, 2008; e Jogo, 2012).

Isabel Ponce de Leão (Universidade Fernando Pessoa / CLEPUL / ALLC / IFP / CLABL)

Judith Teixeira, uma poética hétero e homoerótica

Judith Teixeira é um caso ímpar de arrojo dentro do modernismo português. “De mim” (conferência) assume-se como manifesto programático da sua poética, não só no que ao modernismo e ao futurismo concerne, como também pela clara explicitação da forma como encara a arte evocadora, esta, do *Manifesto Contra-sexual* de Beatriz Preciado. Tal explicitação viabiliza a bondade da leitura de obras

como *Decadência* e *Nua*, *Poemas de Bizâncio*, de matriz marcadamente hétero e homoerótica, pactuantes mas não seguidistas das Teorias *Queer*. Mais feminina que feminista, a sua poesia de corpo é, antes de mais, a necessidade de alcançar o absoluto. A traição ao cânone literário, a sua condição de mulher e o desprezo mantido pelas convenções sociais foram elementos impeditivos do seu atempado reconhecimento.

Palavras-chave: Judith Teixeira, cânone, hétero e homoerotismo.

ISABEL PONCE DE LEÃO Professora Catedrática da Universidade Fernando Pessoa, Porto. Membro colaborador do Centro de Interuniversitário de Estudos Camonianos (CIEC) da Universidade de Coimbra e membro integrado do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), sendo coordenadora do Polo do Porto. Sócia fundadora e vice-presidente do Círculo Literário Agustina Bessa-Luís (CLABL). Membro das Comissões Interinstitucionais do Instituto Fernando Pessoa – Língua Portuguesa e Cultura Lusófona (IFP-LPCL) e da Academia Lusófona Luís de Camões. Colaboradora permanente do jornal *As Artes entre as Letras*, a cujo conselho editorial pertence, e do *WSI-Magazine*. Como docente e investigadora tem colaborado com outras instituições de ensino superior, em Portugal, Brasil, e vários países europeus e com várias Câmaras Municipais, particularmente com a do Porto, a cuja Comissão de Toponímia pertence. A área de investigação privilegiada é a Literatura Portuguesa Contemporânea bem como as relações que esta estabelece com as outras artes (interartes) e com as ciências. Nas suas publicações inscrevem-se cerca de 25 livros e mais de 135 artigos nas áreas acima referidas. Dedicar-se ainda à crítica de arte colaborando com galerias e artistas plásticos.

Jorge Vicente Valentim (UFSCar / CAPES / UP)

Judith Teixeira, um clássico!

A partir das propostas conceituais de Italo Calvino (1993), em *Por que ler os clássicos*, e das de Jorge Luis Borges (2007), em *Outras inquisições*, objetivamos nesta comunicação pensar a produção literária de Judith Teixeira como um clássico da literatura portuguesa das primeiras décadas do século XX, não apenas pelo diálogo operado com as principais idéias do seu tempo, mas também pelo caráter *avant la lettre*, na vanguarda do nosso tempo, que conseguiu operar. A partir de alguns poemas de *Decadência* (1923) e das novelas de *Satânia* (1927), pretendemos propor uma leitura de determinados aspectos estéticos por ela criados, também contemplando a linhagem de hábitos e vozes de uma escritora precursora, na esteira do que Borges conceituou a propósito de sua leitura em “Kafka e seus

precursores”. Unindo, portanto, os dois conceitos em destaque (“clássico” e “precursor”), esta comunicação pretende reler alguns temas caros à escritora portuguesa homenageada neste Colóquio Internacional.

Palavras-chave: Clássico, precursor, Judith Teixeira.

Juliana Bonilha (Universidade Nova de Lisboa / CAPES / CLEPUL)

Judith Teixeira e o Almanaque das Senhoras (1915- 1924): reflexões sobre literatura e sociedade

Judith Teixeira viveu num momento em que predominavam pensamentos conservadores sobre os comportamentos sociais da mulher. Não só na sociedade, mas também na literatura são notáveis as condições e as limitações que lhes eram impostas. A promover um resgate de valores e do verdadeiro significado das obras escritas, dirigidas e publicadas por figuras femininas que jamais estiveram sem produzir textos literários, os estudos de gênero têm sido de extrema relevância. Por meio deles, traz-se à luz novas perspectivas literárias que permitem (re)ver o cânone e revitalizar a Literatura. Por esse motivo, propõe-se uma reflexão sobre Judith Teixeira e sua obra e o par presença-ausência num dos periódicos dirigidos por uma mulher – Guiomar Torresão – que em todos os seus números dedicava seções de apresentação ou de crítica a figuras sociais e literárias de sua época. A finalidade e a justificativa desse estudo são as de observar e refletir em que medida a obra de Judith faz-se presente ou ausente nesse periódico, para colocar em questão a Literatura canônica.

Palavras-chave: Judith Teixeira, Literatura, cânone, estudos de gênero, *Almanach das Senhoras*.

JULIANA BONILHA Pós-doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Nova de Lisboa.

Graduada em Letras Doutora e Mestre em Letras (Português-Italiano), pela UNESP-FCL (Faculdade de Ciências e Letras de Assis), realizou seu mestrado e seu curso de doutoramento também nesta instituição, ambos na área de Literatura e Vida Social, na linha de pesquisa Arquivos de Memória: Fontes e Periódicos Literários. São temas de suas pesquisas: Eça de Queirós na *Gazeta de Notícias* (mestrado) e a produção feminina na *Revista Feminina* e no *Almanaque das Senhoras* (doutoramento e pós-doutoramento, respectivamente). Atuou como professora e coordenadora da Pós-graduação em Educação no Instituto Federal do Sul de Minas (IFSULDEMINAS) – Campus Muzambinho durante os anos de 2013 e 2014. Tem experiência na área de

Letras e Educação, em ensino Superior e Pós-graduação. É membro da comissão científica da Revista *Clarabóia*, UENP-PR. Membro do CLEPUL, Centro de Literatura e Culturas Lusófonas e Europeias.

Luiz Alberto de Souza Pedroso (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

A alma da rosa de Afrodite em Judith Teixeira

Na obra *As origens da alma* de Thomas M. Robinson “para Heráclito, a alma (humana) é obviamente um princípio racional (...) e não apenas um princípio de vida (...). Por que a alma é chamada de raio de luz ou brilho de metal, ou chama de fogo? Kahn sugere ‘as associações poéticas da palavra a conectam com a luz do sol entendida como uma figura representativa da própria vida’” (ROBINSON, 2010). É essa alma raio de sol que arranca de suas profundezas ocultas o prazer, que navega nos braços das tormentas dos desejos ou nos paisagismos do corpo delirante e embriagado de emoções que podemos perceber nos versos de Judith Teixeira. A poetisa mexe e remexe corpo e alma em uma linguagem poética repleta de êxtase, trazendo para o corpo o florescer das *rosas de Afrodite*; num desabrochar de arrepios, de espantos, de ironias, de intolerâncias e segredos no jogo erótico que revela seus versos. “Cada ser é distinto de todos os outros. (...) Ele nasce só. Ele só morre. Entre um ser e outro, há um abismo, há uma descontinuidade.” (BATAILLE). Assim, o objetivo deste artigo é analisar o modo como Judith Teixeira ultrapassa em seus versos esse “abismo” e faz do jogo erótico um movimento que ultrapassa o corpo e revela sensíveis aspectos da “alma”. Nos seus versos a magia dos braços, abraços, enlances eróticos libertados traduzem a paisagem da alma que invadem o corpo textual, onde o eu lírico sonha e é *tarada*: “A Outra a tarada, aquela que vive em mim” (J. TEIXEIRA), tocando outras almas com seus desejos... o leitor.

Palavras-chave: Alma, Rosas, Judith Teixeira, Erotismo, Corpo.

LUIZ ALBERTO DE SOUZA PEDROSO possui graduação em Oceanologia, com habilitação em Oceanografia, Geológica e Biológica (1980) pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG; Especialização em Oceanografia (1985) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; e Especialização em Educação Ambiental pela Universidade de Santa Cruz, UNISC. Fez diversos cursos em Educação Ambiental: Curso Criatividade e Educação Ambiental (1995), pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA; Cursos I, II, III e IV – De Capacitação de Multiplicadores em Educação Ambiental – Acordo Brasil/UNESCO, promovido pela coordenação de Educação Ambiental do Ministério da Educação e do Desporto, Brasília, DF.

Ao longo de sua carreira, como professor e pesquisador, ministrou mais de 50 cursos com ênfase em Educação Ambiental.

Escritor e poeta é autor de dez obras publicadas. Participou de quatro antologias poéticas e foi premiado num concurso literário em Brasília, obtendo o 8º lugar com seus poemas. Algumas poesias suas foram traduzidas para a língua alemã e publicadas na Alemanha. Participou também de um “Caderno Literário” na década de Setenta na cidade de Rio Grande/RS. Contribuiu como participante de uma “Agenda Literária – 1996”, publicada em Porto Alegre. Diversas poesias do autor foram publicadas no *Jornal Literário Gaúcho*, com comentário crítico da poetisa portuguesa Suely Meloni. Faz parte da Academia dos Escritores do Litoral Norte – AELN do estado do Rio Grande do Sul.

Maria do Carmo Mendes (Universidade do Minho)

Cores ardentes: imagens decadentistas na poesia de Judith Teixeira

Numa composição significativamente intitulada “A cor dos sons”, Judith Teixeira evoca as “cores ardentes” que podem tomar-se como um símbolo do conjunto da sua produção poética. De facto, a prevalência do excesso marca a sua criação literária e permite uma inserção da poetisa no estilo epocal decadentista. Esta comunicação tem assim como principais propósitos: 1) Identificar a imagética cromática da poesia de Judith Teixeira e a sua vinculação ao Decadentismo *fin-de-siècle*; 2) Demonstrar que o excesso – na representação de emoções e na caracterização dos elementos naturais, com particular destaque para as flores – se aproxima dos vetores ideológicos do Decadentismo; 3) Sublinhar outras imagens decadentistas recorrentes na poesia de Judith Teixeira: o *taedium vitae*; a exaltação de estados mórbidos; a capacidade de encontrar beleza em elementos aparentemente repulsivos; a atração pelo exotismo oriental; a prevalência dos “raros vocábulos”; 4) Notar a presença de processos sinestésicos, recordando a Teoria das Correspondências do proto-decadentista Charles Baudelaire; 5) Destacar o valor de Judith Teixeira no contexto do Decadentismo português.

Palavras-chave: Teixeira (Judith), Decadentismo, morbidez.

MARIA DO CARMO MENDES é Professora Auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, onde se doutorou com a Tese “Don Juan na literatura portuguesa: recepção de um mito literário” (2006). É Diretora da Licenciatura em Estudos Portugueses e Lusófonos da Universidade do Minho, e vice-diretora do Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos.

As suas áreas de investigação são a Literatura Comparada, a Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, a Cultura Clássica e os Estudos Culturais.

Em 2014, publicou o livro *Don Juan(ismo). O Mito*, e os seguintes ensaios: “Da Grécia para Portugal: A Cidade de Ulisses de Teolinda Gersão”, in AA.VV., *O Imaginário das Viagens. Literatura, Cinema, Banda Desenhada*, Universidade do Minho, Editora Húmus, pp. 79-92; “Desmitificações de Don Juan no romance naturalista português”, in AA.VV., *O Século do Romance. Realismo e Naturalismo na Ficção Oitocentista*, Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa, pp. 453-466; “El detective privado: un personaje inmortal”, in Javier Sánchez Zapatero y Alex Escribà (eds.), *La (re)invención del género negro*, Santiago de Compostela, Andavira Editora, pp. 217-221.

Em 2015, publicou os seguintes ensaios: “Receção mítica em Agustina Bessa-Luís”, AA.VV., *Revisitar o Mito. Myths Revisited*, Famalicão, Húmus, pp. 252-260; “Entre literatura e ciência: a ficção de Agustina Bessa-Luís”, Isabel Ponce de Leão, Maria do Carmo Mendes e Sérgio Lira (eds.), *As artes e as ciências em diálogo*; “Quadros na ficção: Agustina e a pintura”, AA.VV., *Cultura XXI*, Lisboa, Labirinto de Letras, pp. 189-211; “Vozes literárias da lusofonia: os intertextos de Rui Knopfli”, António Manuel Ferreira e Maria Fernanda Brasete (eds.), *Pelos Mares da Língua Portuguesa*, Universidade de Aveiro, UA Editora, pp. 73-79; “Identidad y memoria: la novela negra en la literatura portuguesa contemporánea”, Javier Sánchez Zapatero y Àlex Martín Escribà (eds.), *El género eterno. Estudios sobre novela y cine negro*, Santiago de Compostela, Andavira Editora, 2015, pp. 305; “Agustina Bessa-Luís: abordagens ecocríticas”, Ricardo de la Fuente Ballesteros et al. (eds.), *De Ecocrítica y “Animalia”*, Valladolid, Universitas Castellae y Asociación Iberoamericana de Literatura y Ecocrítica, Colección Iberoamericana 36, pp. 159-167.

Maria Lúcia Dal Farra (Universidade Federal de Sergipe / CNPq)

Uma poética do boudoir: Judith Teixeira

A recente publicação da conferência “Da Saudade” (inédita e sem data) rearranja inevitavelmente a obra já conhecida de Judith Teixeira, e confere-lhe outra percepção poético-ideológica, na medida em que entra em contigüidade com suas novelas, com seus poemas e com a outra conferência, a “De Mim”. O montante atual da sua obra parece, já agora, ostentar um pêndulo que percorre desde o pólo do Decadentismo até o de um Neo-romantismo quase vitalista. É nesse circuito que se pode buscar ler a referida “poética do boudoir”.

Palavras-chave: poética lunar e solar; relação autor e público-leitor; revisionismo.

MARIA LÚCIA DAL FARRA é titular concursada de Literatura Portuguesa na Universidade Federal de Sergipe e um dos quatro membros do Comitê de Assessoramento de Letras do CNPq. Foi pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa nessa universidade, professora da USP, da UNICAMP e de Berkeley (Universidade da Califórnia/USA). Tem centenas de trabalhos publicados e obras sobre Vergílio Ferreira, Herberto Helder e Florbela Espanca. É poetisa e Prêmio Jabuti de Poesia (2012).

Martim Gouveia e Sousa (Investigador)

O corpo insólito: Judith Teixeira

Violentando o tempo e o espaço consentido como um programa de libertação, Judith Teixeira afirma desde o início da década de vinte do século passado ter direito ao corpo e à palavra literária. Marcando pelo insólito os caminhos da subversão das representações do mapa corporal, dizendo-se sujeito sem sujeição e corpo impresso, Judith Teixeira é e continuará a ser resistência, fulgor e perenidade.

Palavras-chave: Judith Teixeira, corpo, insólito.

MARTIM DE GOUVEIA E SOUSA é licenciado em Humanidades e mestre em Literatura. Autor de *O essencial sobre António de Navarro* (Lisboa, INCM, 2007), *Judith Teixeira e o lugar – uma «irmã de Shakespeare» no modernismo literário português* (Coimbra, Areias do Tempo, 2009), *Um roteiro para Aquilino – três dias por Viseu* (Tavira, Casa Álvaro de Campos, 2011) e *Deambulação aquiliniana & derivações* (Coimbra, SPRC, 2012). Diretor da revista *Ave-Azul*. Colaborador em várias publicações periódicas. Prefaciador e posfaciador. Defendeu, em 1999, sob a orientação de Eugénio Lisboa, a dissertação de mestrado *Judith Teixeira: originalidade poética e descaso literário na década de vinte* (Universidade de Aveiro, 2001).

Moema Pinto Cavalcante (CNPq)

Átila Pinto Cavalcante (CNPq)

Judith Teixeira: de poemas e de metáforas, fantasias, de recusa e de mulheres...

A obra poética de Judith Teixeira representa o pensamento do ser humano – “Eu” – em conflito com as pessoas – “Outro” – que o cercam. Na linguagem poética, os múltiplos sentidos indicam a mulher que busca a transgressão do interdito social. Todorov (1939) conceituava o sexo e homossexualismo,

o desejo de satisfazer o corpo no sexo, por representações literárias do que denominou de “temas do Eu”, enquanto a poesia (p. 65) representa a individualidade através de metáforas e alegorias, bem como a transgressão do comportamento social, que pode representar a busca de “Si Mesmo” ou a rejeição d’“Outro”. Assim também G. Bataille (1987) conceitua o erotismo como desequilíbrio, em que o “Eu” e o “Outro” se atraem e opõem-se. Essa busca através da transgressão do interdito sexual leva o sujeito à atração e recusa do (no) sexo. Todorov escreve sobre a relação – amor – – sonho – – imaginação – – desejos – – sexualidade – e a polissemia de imagens (pp. 139-149) que representam ação do interdito sexual em poesia e (ou) alegorias. Nos poemas de Judith, devem-se analisar o conjunto de metáforas, observando a busca de si mesma e a dor com que revela significados (femininos) de si, a carência, bem como o doloroso sentido de amar que se expressa em palavras, nomes e pensamentos, com significados contraditórios e inconciliáveis, as marcas da solidão e da dor humana, frágil, fraco e carente. No entretexto, lê-se a fragilidade humana e marcas de solidão... – Gérard Genette (1982). Conceitos de Literatura Comparada serão empregados também conforme Derrida (1980).

Palavras-chave: Judith Teixeira, poesia, homossexualismo, erotismo, polissemia.

MOEMA PINTO CAVALCANTE é Mestre em Literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil (1982) e Doutora em Littérature Comparée pela Université de Limoges, France (1998). Trabalhou na Universidade de Limoges (França) em Dicionário Internacional (on line) de Literatura – o DITL. Lecionou na Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. Atualmente, é pesquisadora do CNPQ, participando de Congressos e proferindo palestras universitárias. Em 2014, apresentou trabalho na Sorbonne, em Paris. Tem vários livros publicados, inclusive, publicação em obra na França (Limoges, 2011). Pertence à Casa do Poeta de Canoas e à ACE – Associação Canoense de Escritores. Como professora e escritora, em 2015, é também patronesse da Feira do Livro de Canoas.

ÁTILA PINTO DE ALBUQUERQUE CAVALCANTE é graduado com Licenciatura Plena em Biologia e em Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, foi Professor e Policial Rodoviário Federal, atualmente é aposentado. Em Literatura, é autodidata e pesquisador do CNPQ.

Moizeis Sobreira (Universidade de Campinas / FAPESP)

Os estereótipos de gênero nas novelas de Satânia de Judith Teixeira

Nossa proposta é apresentar os conflitos operados entre as personagens protagonistas, todas elas mulheres, nas novelas de *Satânia*, de Judith Teixeira, e suas relações com as personagens masculinas, que demarcam um campo piscossocial de divisão dos gêneros. Para tal fim, utilizaremos a bibliografia passiva sobre estas novelas, bem como teóricos que nos ajudem a refletir sobre os estereótipos de gênero.

Palavras-chave: estereótipos de gênero, novelas, personagens, *Satânia*, Judith Teixeira.

Nuno Santos Carneiro (Universidade Metropolitana de Manchester e Universidade Complutense de Madrid)

De outros sentir, desencontrar e futurar numa analítica queer sobre Judith Teixeira

Uma episteme *queer* pode subsidiar criticamente a exegese da obra de Judith Teixeira, tal como é de resto proposto pela organização deste Colóquio. Tanto na produção poética quanto nas Conferências da autora, os questionamentos identitários tão centrais àquela episteme surgem como nucleares. Esta comunicação propõe-se, num primeiro momento, à sistematização de três dimensões encontradas através de uma análise temática realizada sobre a Conferência “*Da Saudade*”: a inscrição sensorial, a desidentificação e uma ideia outra de futuro. Aqui se propõe também a articulação com alguns contributos que enriquecem o enquadramento destas três dimensões analíticas, como são a construção mítica e labiríntica da saudade (Lourenço, 1992) ou a ideia de contemporaneidade como utopia (Dias de Carvalho, 2000, 2004). O segundo momento da comunicação remete para as femonologia (Ahmed, 1996, 2003) e futuridade *queer* (Muñoz, 2000, 2001), bem como para a relevância dos processos socio-ideológicos, relacionais e psicológicos que questionam a identificação e a identidade e, deste modo, a linearidade temporal e a segurança ontológica de um espaço-contexto. Em jeito integrativo, a comunicação pretende realçar a contribuição de Judith Teixeira para uma nova política de si e de relação, que é menos uma política da identidade e mais uma política de diferença e de complexidade que as suas mãos tão prementemente souberam escrever, afirmar e adivinhar no ensejo de um espaço e de um tempo *outros*.

Palavras-chave: fenomenologia, desidentificação, futuridade, *queer*, saudade.

NUNO SANTOS CARNEIRO Doutorado e investigador em Psicologia. Membro do Centro de Psicologia da Universidade do Porto. Investigador visitante da Universidade Metropolitana de Manchester e da Universidade Complutense de Madrid. Autor de várias publicações (in)ternacionais sobre questões LGBT, Teoria Queer, Psicologia Política e Psicologia Crítica. Por intensa e incontida vocação, também poeta.

Paulo Geovane e Silva (Universidade de Coimbra)

Rubro Corpo do Ser: Judith Teixeira e o existencialismo erótico

A literatura dita erótica coloca em cena uma clássica dicotomia entre o erótico e o pornográfico, sobrepondo o primeiro em detrimento do segundo, cuja relação, talvez de forma equivocada, parece estar engrenada nos paradigmas de construção do belo dentro da arte literária. Concordando, pois, que a poesia de Judith Teixeira contém elementos eróticos dos mais diversos, parte-se das reflexões de George Bataille para, a seguir, perceber como a poética judithiana cumpre com um erotismo que, na perspectiva desse pensador francês, tenciona superar a descontinuidade dos seres humanos. Este estudo se debruçará sobre as vozes poéticas presentes em *Decadência*, em cujo livro – o primeiro da autora e causa de muitas polêmicas – o erotismo judithiano, muitas vezes delineado por meio da cor rubra, desenha também retratos profundamente paradoxais, que colocam a existência humana entre a sua natural continuidade e descontinuidade, suplantando tal antagonismo por meio de uma forte cenografia erótica.

Palavras-chave: Judith Teixeira, erotismo, George Bataille.

PAULO GEOVANE E SILVA é mestre em Literatura Brasileira e Comparada pela Universidade de Coimbra e doutorando em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na mesma instituição. No momento, desenvolve a tese intitulada “Gênero, Escrita e Memória: espaços de subjetividade na poesia africana de autoria feminina em língua portuguesa”, sob a orientação do Professor Doutor José Luís Pires Laranjeira. É membro em formação do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra e do Projeto Figuras da Ficção, coordenado pelo Professor Doutor Carlos Reis (UC). Atua principalmente nas seguintes áreas: literatura brasileira, literaturas africanas de língua portuguesa, estudos de gênero e estudos culturais.

São José Almeida (Jornalista)

Judith Teixeira – símbolo de um novo tempo

A invisibilidade a que Judith Teixeira e a sua obra foram votadas, após 1927, marcam de forma simbólica uma mudança de atitude cultural e social em relação às pessoas que mantêm relações afectivo-sexuais com pessoas do mesmo sexo. É o clímax da instalação em Portugal – iniciada no princípio do século XX – de uma visão das relações sociais enquadrada pelo biopoder que vê as relações afectivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo como uma doença e um crime: a homossexualidade. O caso de Judith Teixeira é assim paradigmático dessa estigmatização, que no caso do lesbianismo era agravada ao assumir uma atitude de dupla estigmatização: a das relações afectivo-sexuais fora da nova normatividade social, mas também por serem mulheres.

Palavras-chave: Judith Teixeira, homossexualidade, Estado-moderno.

SÃO JOSÉ ALMEIDA 55 anos, jornalista de política do diário *PÚBLICO*, licenciada em História na Faculdade de Letras de Lisboa, doutoranda em Sociologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Susana Rosa (CLEPUL / FLUL)

Poesia ou a perturbação da moral

A singularização do homoerotismo como objeto de arte, na obra de Judith Teixeira, não obstante a autonomização progressiva dos valores estéticos, perturbou os códigos morais dos seus leitores, de tal forma que aquela foi remetida para um silêncio crítico proibitivo. Os “novos motivos de beleza”, que a autora defendeu em 1926, não foram entendidos como relevantes para a manutenção da harmonia social de uma “Maioria” que a mesma identificou como ingénua e reduzida. A ‘angustiosa solidão moral’, em que Álvaro Maia colocara Pessoa e Botto, abrangeu deste modo a poesia de Judith Teixeira, eliminada do catálogo exemplar de obras representativas do carácter nacional. Explicar, porém, a incapacidade de o público leitor de Decadência observar a beleza, somente pela predominância da temática homoerótica, seria redutor, na medida em que a questão fulcral problematiza a adequação da linguagem/objeto ao género poético, entendido ainda pelos leitores

como ilustrador de emoções ou ações. A ausência de suspensão da descrença, pelo que Teixeira designou de ‘senso comum’, não só denuncia a falta de uma visão de conjunto da produção poética nacional, como repete o erro de leitura a que foram submetidas obras anteriores como as de Correia Garção e de Cesário Verde. A tendência para se estabelecer um cânone moralmente representativo da poética nacional concretiza-se então numa coleção de perturbações, de que faz parte *Decadência*, originadas em preconceitos relacionados com o nobre género poético e que se analisarão nesta intervenção.

Palavras-chave: Objeto, Representação, Linguagem.

SUSANA ROSA Natural da ilha de S. Jorge, nos Açores, completou o seu percurso de pós-graduação em 2010, no Programa em Teoria da Literatura desta faculdade. O seu mestrado, dedicado à poesia de Correia Garção, foi concluído em 2005; doutorou-se em Estudos de Literatura e de Cultura, na especialidade de Teoria da Literatura, em 2010. A sua tese, orientada pelo Professor Doutor Miguel Tamen, e intitulada “Cesário Verde ou o poema sem assunto” foi publicada em 2013 pela Fundação Calouste Gulbenkian. Investigadora do CLEPUL, na área de Literatura e Cultura Portuguesas, candidatou-se a financiamento para um pós-doutoramento dedicado à construção de uma História Possível da Crítica Literária Portuguesa.

Temáticas sobre as mulheres, o lesbianismo e o modernismo

Adriana Sacramento de Oliveira (Universidade Federal de Sergipe)

Cora Coralina e Adélia Prado, dois corpos em transgressão

O presente trabalho tem como intenção observar as marcas da transgressão por intermédio de duas vozes poéticas, da escritora Cora Coralina e da poeta Adélia Prado. Por meio dos afazeres cotidianos e culinários, com narrativas que permeiam esses discursos, busco perceber a representação que o corpo feminino vai constituindo à medida que se autorrepresenta. São vozes que indicam transgressões constituídas em torno do *per si*. Cora Coralina reflete seu tempo e sua atuação, seu lugar de fala; Adélia Prado configura, de maneira anímica, as nuances do discurso feminino por meio dos espaços constituídos. Essas narrativas elaboram um semblante que buscamos delinear.

Palavras-chave: transgressão, corpo, feminino.

ADRIANA SACRAMENTO DE OLIVEIRA Possui graduação em Letras/Português Licenciatura, pela Universidade Federal de Sergipe (2000), mestrado em Literatura Brasileira e doutorado em Literatura e Outras Práticas Sociais, pela Universidade de Brasília. Atualmente, é Professora Adjunta do Departamento de Letras-UFS (Itabaiana) e colaboradora da Universidade Federal de Sergipe no Grupo de Pesquisa liderado pela Dra. Maria Lúcia Dal Farra. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, Literatura Brasileira, Literatura Comparada e Outras Práticas Sociais, atuando principalmente nos seguintes temas: memória e experiência, narrativa e representação, literatura e culinária, antropologia do corpo e performatividade e o ensino de humanidades em ambientes híbridos. Membro do PROFLETRAS desde janeiro de 2013. No momento realizo pesquisa Pós-Doutoral com a Professora Dra. Maria Lúcia Dal Farra através do Grupo de Pesquisa “Figurações do feminino: Florbela Espanca et alii”.

Adrienne Kátia Savazoni Morelato (Universidade Estadual Paulista, Araraquara)

Além do Mar e do Tempo. Cecília Meireles, Sophia de Mello Breyner Andresen e a poesia na luta contra a desumanização do ser

A poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen e de Cecília Meireles tem em comum não apenas as imagens como: o mar, a casa, o jardim, a flor, as nuvens, mas uma certa indignação em relação à

desumanização e à transitoriedade das coisas. As duas autoras foram quase contemporâneas, com a diferença de duas décadas. Isso permitiu que elas escrevessem sob o mesmo fluxo de tendências que Abdala Junior irá chamar de “*macrossistema literário*” (*apud* Resende, 2006 p. 8). Contudo, Cecília e Sophia se colocaram a par dos modismos literários de sua época e empreenderam a construção de uma trajetória poética própria. Neste sentido, foram consideradas alienadas, com uma obra que não refletiria o contexto social. Essa visão contradiz não só as trajetórias pessoais das duas poetisas, marcadas por lutas políticas, como também ignora obras como o *Romanceiro da Inconfidência* de Cecília e *Contos Exemplares* de Sophia. Estas são obras marcadamente críticas e políticas, mas é mais fácil ler pelo olhar do estereótipo. De acordo com Resende, Cecília e Sophia estariam preocupadas com “*a angústia humana diante do fluxo do tempo*” (2006, p. 138). Ou seja, a poética das duas confluiria para uma reflexão sobre o humano e o tempo que ultrapassaria o cronos e o espaço em que ambas viviam. Aqui é que as obras das duas se tornam altamente necessárias, porque lutariam contra a desumanização imposta pela coisificação do mundo na Modernidade Material. Pela linguagem sensorial, as duas buscaram o reino do mítico, no qual a humanidade seria refeita.

Palavras-chaves: literatura de autoria feminina, poesia, Cecília Meireles e Sophia de Mello, filosofia e política.

ADRIENNE KÁTIA SAVAZONI MORELATO Doutoranda em Estudos Literários pela UNESP, Mestre em Estudos Literários pela mesma Universidade, Bacharel e Licenciada em Letras Português-Francês pela FCLAR UNESP Araraquara. É professora de Língua Portuguesa pela rede estadual de Ensino de SP. É também poeta com três livros publicados, dois impressos e um digital. Em 2011-2012 ganhou o Prêmio Construindo Igualdades de Gênero do Ministério das Mulheres, da Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres, ONU Mulher, Ministério da Educação, Ministério da Ciência e Tecnologia e CNPq do Governo Federal Brasileiro na categoria Mestre e Estudante de Doutorado com o artigo: “Entre o Passageiro e o Eterno: Solidão e Melancolia na Poesia Feminina Brasileira”.

Anna M. Klobucka (University of Massachusetts Dartmouth)

Nova Sapho rediviva: Génio, género e transgressão no Modernismo português

Na paisagem literária e cultural do Modernismo português coincidem dois fenómenos ainda insuficientemente examinados no seu dinamismo relacional: a experimentação intensa e por vezes radical com as construções de género e sexualidade nas obras de autoria masculina, algumas das quais

consideradas paradigmáticas para a definição canónica da estética modernista em Portugal, e a expansão robusta do protagonismo sociocultural das mulheres e da produção literária de autoria feminina, sendo esta última geralmente excluída, porém, da história da fundação e consolidação do Modernismo, tal como é o caso de Judith Teixeira. Visando uma convergência analítica dos dois fenómenos, esta conferência tomará como o seu ponto de partida o pouco lembrado romance *Nova Sapho* (1912) do Visconde de Vila Moura, cuja protagonista, uma poetisa portuguesa de génio, pode ser vista como antecedente de tais figurações femininas modernistas de génio e transgressão como Violante de Cysneiros (poetisa inventada do *Orpheu*), a “americana fulva” de Mário de Sá-Carneiro (*A Confissão de Lúcio*) e a “engomadeira” de Almada Negreiros (protagonista da sua novela epónimo). Por outro lado, uma criação assumidamente “decadente” e personagem transparentemente legível como a encarnação lusitana de Renée Vivien, Maria Peregrina – a “nova Sapho” de Vila Moura – permite também traçar uma genealogia alternativa na época modernista em Portugal, com raízes na filiação decadentista (que abrange também Teixeira) e potencialmente mais inclusiva em relação às manifestações dispersas coevas da autoria feminina do que tem sido o caso da exclusividade homosocial masculina que caracteriza as narrativas histórico-literárias centradas no *Orpheu* e na obra de Fernando Pessoa.

Palavras-chave: *Nova Sapho*, Modernismo, Decadentismo, figurações femininas, génio.

ANNA M. KLOBUCKA é professora no Departamento de Português da Universidade de Massachusetts Dartmouth (EUA), onde leciona principalmente literatura portuguesa e literaturas africanas em língua portuguesa. É autora de *O Formato Mulher: A Emergência da Autoria Feminina na Poesia Portuguesa* (Angelus Novus, 2009) e *Mariana Alcoforado: Formação de um Mito Cultural* (IN-CM, 2006; ed. original Bucknell University Press, 2000). Co-organizou também, com Helena Kaufman, *After the Revolution: Twenty Years of Portuguese Literature 1974-1994* (Bucknell, 1997); com Mark Sabine, *O Corpo em Pessoa: Corporalidade, Género, Sexualidade* (Assírio & Alvim, 2010; ed. original University of Toronto Press, 2007); e com Hilary Owen, *Gender, Empire, and Postcolony: Luso-Afro-Brazilian Intersections* (Palgrave Macmillan, 2014). É editora executiva da revista *Journal of Feminist Scholarship* (<http://jfsonline.org/>).

Bene Martins (Universidade Federal do Pará)

Joel Cardoso (Universidade Federal do Pará)

Erotismo e ousadia na poesia de Gilka Machado: uma artista na vanguarda do seu tempo

No Brasil o panorama literário, depois da libertação dos escravos (1888) e do advento da República (1889), nos primeiros cinquenta anos do século XIX, apresentou uma vasta e diversificada produção. Uma nova era sócio-política, bem como artístico-cultural, se descortinava. Naquele período de efervescência, aconteceu o que se convencionou chamar de Pré-Modernismo e o Modernismo (com suas múltiplas vanguardas e vertentes estéticas). Apesar dos ares de modernidade, é nesse contexto, ainda predominantemente protagonizado por homens, que vamos encontrar uma poetisa original: Gilka Machado. Em vida, ela encontrou algum reconhecimento. Depois, inexplicavelmente tem sido relegada a um esquecimento ou a um injustificável segundo plano. Os críticos e historiadores da nossa literatura, salvo raras exceções, não se referem a ela. Famosa por estar à frente do seu tempo quanto às posturas femininas demasiadamente ousadas para a sua época, a artista, com sua produção literária, chocou os conservadores pela liberdade e arrojo com que elaborou a sua produção poética. Discorreremos, portanto, neste texto sobre alguns aspectos da obra de Gilka Machado, privilegiando aspectos relacionados ao erotismo e à recepção crítica do legado da artista. Os poemas da autora são repletos de passagens sinuosa e poeticamente eróticas, a exemplo de “Não creias nos meus retratos, nenhum deles me revela, ai, não me julgues assim!”. “E no corpo da mata os pirilampos de quando em quando, insinuavam fosforescentes carícias”. Naquele jogo do ora revelar, ora esconder, emoldura seus vários supostos retratos pessoais.

Palavras-Chave: Modernismo literário brasileiro, Gilka Machado, poesia feminina.

BENE MARTINS Doutora em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004). Mestre em Letras: Linguística e Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (1997). Graduada em Pedagogia pela UFPA, 1987. Especialista em Recursos Humanos, pela Fundação Gerúlio Vargas, 1989. É professora adjunta da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará. Tem experiência na área de Letras e Artes, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: oralidade, memória, aspectos culturais da Amazônia, identidade, imaginário, alteridade e estereótipo, trocas interculturais, produção textual para cena, leituras dramatizadas, dramaturgia, avaliadora de peças/roteiros de minisséries televisivas. Professora do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) UFPA. Coordenadora do Projeto de Pesquisa: Memória da dramaturgia amazônica: construção do acervo dramático. Foi editora e revisora da *Revista Ensaio Geral* – ETDUFPA, por seis anos, membro da Comissão Editorial da *Revista Tucunduba* – PROEX/UFPA. Foi diretora

adjunta do Instituto de Ciências da Arte (ICA), (dezembro/2010-dezembro 2014). Autora, entre outros títulos, de *DESDOBRAMENTOS DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS: diálogos interartes na contemporaneidade*, 2012, como organizadora – Bene Martins e Joel Cardoso, (UFPA – PPGArtes, PA). Obra completa: *Peças Teatrais de Nazareno Tourinho*, 2014; *Coletânea Teatro do Pará*, 2015.

JOEL CARDOSO Pós-Doutor em Artes (Literatura & Cinema) UFF-RJ. Doutor em Letras: Literatura Brasileira e Intersemiótica pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP, 2001); Mestre em Letras: Teoria da Literatura (UFJF, 1996). Graduado em Letras Modernas (português/alemão – USP), Pedagogia (USP) e Direito (Instituto de Ciências Sociais Vianna Jr, MG, OAB: 60295-MG). Especialista em Língua Portuguesa: Linguística Aplicada (Simonsen, RJ). Professor de música (piano clássico). Desde 2002, é docente da Universidade Federal do Pará, instituição em que atua tanto nos cursos de Graduação como nos de Pós (Mestrado em Artes, ICA). Orientou, até o momento, 34 dissertações de Mestrado; 78 monografias de Especialização e 149 Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação. Pesquisador das Poéticas da Modernidade, transita pelas áreas de Letras, Comunicação, mas sobretudo das ARTES, com ênfase na correspondência e nos diálogos que permeiam signos e linguagens, palavra e imagem (Literatura e Cinema, TV, Teatro etc). Autor, entre outros títulos, de *DESDOBRAMENTOS DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS: diálogos interartes na contemporaneidade*; como organizador com Bene Martins (UFPA-PPGArtes, PA), e de *NELSON RODRIGUES: da palavra à imagem* (Intercom, SP). É, atualmente, diretor adjunto do Instituto de Ciências da Arte (ICA).

Dionísio Vila Maior (Universidade Aberta / CLEPUL)

Modernismo português e discurso feminino em Pessoa, Almada e António Ferro

Procurarei com a minha comunicação: compreender o texto *A Carta da Corcunda para o Serralheiro*, escrito por um *outro eu* de Fernando Pessoa, Maria José; refletir sobre um conjunto de implicações socioculturais e estético-literárias em que assenta a relação entre *crise* e *sujeito feminino modernista*; equacionar também a coisificação desse sujeito em António Ferro e Almada Negreiros.

Palavras-chave: Modernismo português, sujeito feminino, alteridade.

DIONÍSIO VILA MAIOR Professor da Universidade Aberta. Doutoramento em Literatura Portuguesa (2002). Presidente (em Portugal) da Comissão Organizadora do *Congresso Internacional 100/Orpheu*. Professor-Investigador da Université de Paris – Sorbonne e Professor-convidado em diversas universidades (Brasil,

Espanha, Itália e Polónia). Membro investigador integrado do CLEPUL. Membro de diversos órgãos Universitários, Associações e Comissões Interinstitucionais. Foi o Diretor da Delegação Centro da Universidade Aberta entre 1998 e 2006. Algumas publicações académicas: *Fernando Pessoa: Heteronímia e Dialogismo* (1994); *Introdução ao Modernismo* (1996); *Pessoa, Sá-Carneiro e Almada: Representação Estético-Ideológica* (2000); *Fim de Século ao Primeiro Modernismo Português: Poemas, Textos Teórico-programáticos, de Reflexão e de Imprensa* (2000); *Literatura em Discurso(s). Saramago, Pessoa, Cinema e Identidade* (2001); *A Geração de 70 e a Geração de Orpheu: Portugal em Questão* (2001); *Diálogos literários luso-brasileiros* (2002); *Literatura e Fim de Século* (2002); *O Sujeito Modernista: Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros e António Ferro: crise e superação do sujeito* (2003); *O Modernismo Brasileiro* (2005 [E-book]); *Uma introdução às Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa* (2006 [E-book]); *A Revivência dos Sentidos — Estudos de Literatura Portuguesa* (2009); *Do Ultimato à(s) República(s): variações literárias e culturais* (2011; em colab). Diretor Artístico de diversos grupos vocais e orfeónicos. Mais de 170 obras musicais distribuídas entre harmonização vocal e orquestração por diversas áreas: música clássica; bandas sonoras; jazz; blues; gospel; *music-hall*; hinos; fado; música popular (portuguesa, brasileira, cabo-verdiana, latino-americana, polaca e sérvia); música tradicional (portuguesa e timorense); música ligeira (portuguesa, anglo-saxónica, castelhana e francesa); música folclórica (peruana e russa).

Evelyn Mello (Universidade Estadual Paulista, Araquara)

Pinceladas Modernistas de Mara Lobo: Fragmentos das Mulheres do Brás

O presente trabalho pretende avaliar o modo como a escritora Patrícia Galvão, sob o pseudónimo de Mara Lobo, se utiliza das propostas estéticas defendidas por seus contemporâneos da primeira fase do Modernismo brasileiro. Abordar-se-á, em especial, as inovações pertinentes ao Manifesto Antropofágico proposto pelo poeta e seu companheiro, à época, Oswald Andrade, a fim de reproduzir e denunciar a situação política do Brasil em sua obra de estreia *Parque Industrial*. Acusado de panfletário e ingênuo por alguns críticos, dentre os quais se pode nomear Geraldo Galvão Novaes que, em prefácio à obra *Parque Industrial* de Mara Lobo (2006), reconhece sua qualidade de documento, mas não lhe atribui grandes qualidades estéticas, para além da juventude da autora e de seu foco político. No trabalho que aqui se propõe, vislumbra-se a obra de Galvão como precursora da segunda fase do Modernismo brasileiro, cujo carácter fragmentário corresponde a um recurso estético de recomposição do quadro social e político de sua época. Pretende-se ressaltar de que modo os painéis que compõem a vida de cada uma das personagens femininas podem servir para (re)compor o bairro fabril Brás, na cidade de São Paulo, e os vultos de mulheres que frequentavam suas fábricas e as

camas de seus proprietários. Neste sentido, buscar-se-á compreender como as propostas da estética Modernista que, segundo Antonio Candido (2006), são o segundo maior momento com relação à independência cultural e artística brasileira, puderam ser aliadas da ideologia marxista e da proposta de um olhar feminista para a condição das mulheres operárias.

Palavras-chave: Modernismo, Marxismo, Feminismo, Patricia Galvão.

EVELYN MELLO Possui Graduação em Letras – Espanhol pela Universidade Federal de São Carlos (2007) e Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2011), é Doutoranda pelo programa de Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura escrita por mulheres, relações de gênero e ditadura militar. Publicou em 2014 o livro *Olhares femininos sobre o Brasil: um estudo de As meninas de Lygia Fagundes Telles*.

Emília Ferreira (Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa)

Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa

O conservadorismo tem muitas faces. Se no caso de Judith Teixeira a sua obra foi vítima de polémica e perseguição, no caso de outras criadoras suas contemporâneas, a voz de apoio revelou-se igualmente preconceituosa. Como sabemos, a recepção crítica e historiográfica das artistas no início do século XX observou um quadro de menorização tanto das criadoras como da sua criação. Essa menorização observou uma surpreendente vitalidade, manifesta ainda hoje no desinteresse pelo levantamento e estudo das suas obras. Na minha comunicação proponho visitar as vidas e obras de duas artistas: Mily Possoz (1888-1968) e Ofélia Marques (1902-1952). Catorze anos separam, pelo nascimento, estas duas modernistas, enquadradas respectivamente na primeira e na segunda geração do modernismo português. Mais do que esses catorze anos, distinguem-nas, porém, modos de vida, nomeadamente de encarar as carreiras e de resistir ao país (e às circunstâncias) em que lhes calhou nascer, viver e morrer. Mily nunca deixou os seus créditos por mãos alheias e construiu, enquanto pôde, uma carreira internacional na qual se somam as participações em exposições e a organização de mostras individuais. Ofélia, com menor arrojo público, participou apenas em colectivas, não tendo nunca mostrado individualmente o seu trabalho. Ambas souberam adequar o seu traço ao mercado

existente, logrando uma boa recepção crítica e um claro acolhimento dos pares. Apesar de se integrarem em gramáticas modernistas, respondendo às encomendas possíveis com a maior adequação aos seus programas, ambas trilharam caminhos distintos, com mundividências variadas e propostas plásticas pessoais, que as reflectiam. É isso que pretendo partilhar.

Palavras-chave: mulheres, modernismo, preconceito, rebeldia.

EMÍLIA FERREIRA Nascida em Lisboa, em 1963. Historiadora de Arte, curadora, conferencista, tradutora e autora de ficção. Doutoramento (e Mestrado) em História da Arte Contemporânea (FCSH, Lisboa); Licenciatura em Filosofia (FLL). Membro do Instituto de História da Arte da FCSH.

Sobre estas duas artistas, escreveu (entre outros): “Ofélia Marques, a artista, o tempo e as máscaras”, I Congresso Internacional Arte e Género? Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação Arpad Szènes-Vieira da Silva, 22-24 de Outubro de 2014. “Mily Possoz: uma artista de fusão”, in *Mulheres Pintoras em Portugal: de Josefa d’Óbidos a Paula Rego*, coordenação de Raquel Henriques da Silva e Sandra Leandro, Lisboa, Esfera do Caos Editores, 2013, pp. 107-127, ISBN 978-989-680-080-2. “Mily Possoz” e “Ofélia Marques”, in *Feminae Dicionário Contemporâneo*. Direcção João Esteves e Zília Osório de Castro, Coordenação Ilda Soares de Abreu, Maria Emília Stone, Lisboa, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2013. “A exigência da paridade”. Revista *Faces de Eva: Estudos sobre a Mulher*, nº 23, Lisboa: Colibri, 2010, pp. 99-109. “Da Deliciosa Fragilidade Feminina”. Revista *Margens e Confluências: Um olhar contemporâneo sobre as artes*. Nºs 11-12, *Mulheres Artistas. Argumentos de género*, 2006, pp. 142-157. “Ofélia Marques: um percurso ímpar no modernismo português”. In *Faces de Eva: Estudos sobre a Mulher*, nº 15, ano 2006. Lisboa: Colibri, 2006, pp. 189-198. “Desenhos do Silêncio”, texto do catálogo da exposição *Ofélia Marques: 40 caricaturas, 21 desenhos*, Almada, Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, 2003.

Fernando Curopos (Universidade de Paris IV – Sorbonne)

Safo fim de século: lesboerotismo na poesia finissecular portuguesa

Quando Charles Baudelaire publica o seu livro *As Flores do Mal* (1857), cujo título inicialmente previsto era *As Lésbicas*, ele representa não somente a condição do homem moderno, mas elege igualmente a lésbica como «heroína da modernidade» (Walter Benjamin). Veremos como os poemas lesboeróticos do poeta francês, aos quais se juntam os de Paul Verlaine, influenciaram a poesia finissecular portuguesa, muito antes do «modernismo sáfico de Judith Teixeira».

Palavras-chave: Poesia finissecular portuguesa, safismo, erotismo, sexualidade.

FERNANDO CUROPOS Professor auxiliar de literatura e língua portuguesa na Université Paris Sorbonne. Trabalha sobre as questões de género, as sexualidades não normativas e as temáticas *queer* na literatura portuguesa finissecular, modernista e contemporânea.

Autor de: *António Nobre ou la crise du genre*, Préface de Joaquim Manuel Magalhães, L'Harmattan, Paris, 2009, 306 p.

Guacira Marcondes Machado Leite (Universidade Estadual Paulista, Araraquara)

Leitura da poesia de Marceline Desbordes-Valmore

Marceline Desbordes Valmore (1786-1859) escreveu no período do romantismo francês, e a qualidade de sua obra foi muitas vezes posta em dúvida pelo fato de parecer pouco ambiciosa, uma obra menor que apenas imita aquelas dos grandes nomes da poesia escrita por homens. No entanto, grandes nomes masculinos da poesia escreveram sobre ela, exaltando sua poesia e apontando as qualidades de sua obra: Baudelaire, Sainte-Beuve, entre outros e, em nossos dias, o grande poeta Yves Bonnefoy. Segundo Baudelaire, Marceline é grande poeta porque o que escreve é criação de uma alma de elite, pela ambição desesperada do coração, pela irreflexão que aparece em sua poesia. Há nela “uma beleza inigualável”. O que louva, pois, em sua poesia é o natural, a falta de artificialidade responsáveis por seu encanto original e inato. Pode-se depreender de suas palavras que ele vê sua poesia como feminina, enfim. Yves Bonnefoy, em nosso tempo, julga que o valor da poesia de Marceline se encontra, justamente, nessa naturalidade que ele não julga ser sua fraqueza, mas que atesta as marcas da memória, da infância, do lugar, da presença, predicados que são essenciais para esse poeta. Ele lhe atribui a maturidade da poesia francesa, após um longo período de artifícios na emoção. A leitura desses testemunhos permite que o leitor perceba, nas entrelinhas, os verdadeiros atributos dessa poeta que tem chamado novamente a atenção na contemporaneidade.

Palavras-chave: Marceline Desbordes, Valmore, poesia, poesia feminina, romantismo.

GUACIRA MARCONDES MACHADO LEITE Professora Livre Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara (SP). Departamento de Letras Modernas.

Professora de Língua e Literatura Francesa. Pesquisas sobre poesia e narrativa em literaturas de línguas estrangeiras modernas.

Isabel Lousada (CICS.Nova-FCSH / CLEPUL-FLUL)

Francisco das Neves Alves (Universidade Federal do Rio Grande / Brasil)

Mulheres escritoras dos dois lados do atlântico: Portugal e extremo-sul do Brasil

Na conjuntura literária portuguesa e brasileira do século XIX, houve uma ampla predominância dos escritores do sexo masculino, chegando a ser plasmada, no seio do discurso do senso comum, a expressão “homens de letras”, a qual se transformou em verdadeiro chavão para designar os representantes de uma intelectualidade. Ainda que tal designação se tenha tornado um lugar-comum, ela bem demonstra a perspectiva restritiva quanto à participação feminina neste “mundo das letras”, apesar do representativo papel que as mulheres desempenharam como intelectuais nessa época. São inúmeros os exemplos de mulheres escritoras no ambiente luso-brasileiro de então e este trabalho pretende realizar breves estudos de caso comparativos, levando em conta vivências de tais autoras em Portugal e no Brasil meridional. No contexto português, a análise recai sobre Olga de Moraes Sarmiento e Maria Amália Vaz de Carvalho, expoentes na área em apreço. Já no âmbito do Brasil, em sua porção extremo-sul, o estudo se volta a duas autoras, Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloísa de Melo, irmãs que dedicaram suas vidas às lides literárias, sendo abordadas as suas atuações junto à imprensa, nos periódicos *Violeta* e *Corimbo*, notadamente no que tange aos seus esforços para manter a função social de jornalistas e às suas visões quanto ao papel das mulheres na sociedade.

Palavras-chave: mulheres escritoras, Portugal, Brasil meridional.

ISABEL LOUSADA é Investigadora Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa desde 1999. Na FCSH concluiu a Licenciatura em L.L.M. e pela Universidade Nova de Lisboa obteve os graus de Mestre (1995) e Doutor (1999) em Estudos Comparados – Anglo-Portugueses. Investigadora integrada do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da FCSH/UNL é também Investigadora Colaboradora do CLEPUL/Universidade de Lisboa – pertencendo ao GI 6 (Brasil-Portugal: literatura, cultura e memória). Tem publicado em várias revistas nacionais e internacionais, sobretudo na área de Estudos sobre as Mulheres. É membro do Núcleo de História da Medicina da SGL – Sociedade de Geografia de Lisboa e da AMONET – Associação Portuguesa de Mulheres Cientistas e sócia da APE – Associação Portuguesa de Escritores.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande onde atua desde 1989, ministrando disciplinas, coordenando projetos e orientando alunos em nível de Graduação, Mestrado e Doutorado. É Doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998) e realizou um Pós-Doutorado junto ao ICES/Portugal (2009) e outro junto ao CLEPUL/Universidade de Lisboa (2013). Publicou centenas de ensaios, entre artigos, capítulos de livros e trabalhos em anais de eventos, e mais de noventa livros, entre autorias, coautorias e organizações. É membro da Diretoria da Biblioteca Rio-Grandense, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, da Academia Rio-Grandina de Letras e do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Juliana Garcia Rodrigues (Universidade Federal do Rio Grande / CAPES)

O silenciamento das escritas femininas na formação do cânone brasileiro

A crítica literária consagra obras e autores ao longo dos séculos obedecendo a padrões epistemológicos, estéticos e de medida de valor. Esses quesitos contribuem para o silenciamento das escritas femininas e as colocam à margem no panorama da formação da literatura brasileira. O objetivo do presente trabalho é problematizar o processo de formação do cânone que representa a manutenção de modelos de escrita, nos quais não encontramos reconhecimento e espaço para a escrita feminina. A necessidade dessa discussão torna-se relevante na tentativa de rever as histórias literárias que se mantiveram fiéis aos paradigmas dos teóricos do século XIX realizando as mesmas práticas excludentes. Os teóricos utilizados para esta reflexão são Harold Bloom, Benjamin Abdala Jr. e Antônio Cândido.

Palavras-chave: escrita feminina; formação do cânone; literatura brasileira

JULIANA GARCIA RODRIGUES Mestranda no programa de pós-graduação em História da Literatura da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), pesquisando a autora Julieta de Mello Monteiro, sob a orientação de Artur Emílio Alarcon Vaz. Graduada em Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) e Letras-Português e Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Lisiane Ferreira de Lima (Universidade Federal do Rio Grande / CAPES)

Escritas de autoria feminina: problematizando a presença das mulheres no cânone literário

O objetivo deste trabalho é problematizar a questão do cânone no que diz respeito às escritas de autoria feminina. Bem sabemos que, historicamente, o papel da mulher na sociedade é de expressão inferior ao do homem, no que diz respeito a expressões culturais, políticas e sociais. A sociedade, que foi criada aos moldes do patriarcalismo, buscava silenciar qualquer expressão artística feminina e isto se reflete, de forma significativa, no cânone literário, pois se a mulher não era vista como sujeito que é capaz de pensar, ler e refletir e, conseqüentemente, não lhes era dada margem para significância de suas escritas; por este motivo a maior parte da representação da mulher se dava nos escritos de autoria masculina. Ao fazermos uma reflexão básica, sobre quantos escritos de autoria masculina e feminina trabalhamos ao longo de nossa jornada acadêmica, percebemos que a parcela dada às mulheres no cânone literário é muito pequena, mas isso não significa que as mulheres do período não escreviam e sim que não lhes foi dado o reconhecimento adequado. Deste modo, o presente trabalho visa problematizar questões políticas e sociais que fazem com que o caminho do cânone literário, para as escritas de autoria feminina, seja ainda, uma batalha árdua. Sabemos que nem toda produção literária feminina responderá aos requisitos necessários para pertencer ao cânone literário, mas queremos problematizar a necessidade de um processo de revisão da historiografia literária que excluiu muitas produções femininas da História da Literatura.

Palavras-chave: autoria feminina; literatura feminina; cânone literário; mulheres; literatura

LISIANE FERREIRA DE LIMA Mestranda no programa de pós-graduação em História da Literatura, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), pesquisando a autora argentina Juana Manuela Gorriti, sob orientação de Artur Emilio Alarcon Vaz. Cursa Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande (UAB-FURG). Graduada em Letras Português-Espanhol, também pela Universidade Federal do Rio Grande. Durante a graduação, participou de projetos de pesquisa e de extensão nas áreas de literatura e língua espanhola. Atuou, como tutora a distância, nas disciplinas de “Introdução aos Estudos de Literatura Brasileira I e II”, ministrada pela professora Cláudia Mentz Martins, no Curso de graduação em Letras Espanhol (UAB-FURG). Atuou como voluntária, desempenhando funções na coordenação literária, do projeto de extensão “PAIDÉIA – Educação Popular” e atua como bolsista voluntária no projeto de ensino “Juana Manuela Gorriti: análise e tradução”, coordenado pela professora Daniele Corbetta Piletti.

Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento (Universidade Federal do Rio Grande / FAPERGS / CAPES)

A produção literária feminina e a História da Literatura: silenciamento X cânone

A problemática da presença/ausência da mulher na literatura não é atual. Em seu livro *Um teto para todos*, Virgínia Woolf, em 1929, já questionava o lugar das mulheres na literatura e a sua desvantagem, pondo em questão tanto a autonomia financeira feminina quanto a sua participação na esfera pública, e, com isso, tentava esboçar qual seria a suposta diferença entre a escrita feminina e a masculina, tomando como viés o lugar histórico feminino. Simone de Beauvoir, em 1949, lança a obra que iria influenciar não só os movimentos feministas, como também a crítica literária feminista anglo-americana. *O Segundo sexo* (1949), que se pauta na justificativa da submissão do sexo feminino, apontando as relações de poder estabelecidas pelos homens em relação às mulheres, tomando como sustentáculo o marxismo, lança algumas das bases para pensar os estudos de gênero. Com a assertiva “a mulher não nasce mulher, torna-se”, Beauvoir esclarece sobre a determinação cultural e social em relação às construções do gênero, ou seja, do que é ser feminino. Embora Simone de Beauvoir tenha tentado desconstruir o binarismo feminino/masculino, há linhas da crítica literária que ainda adotam o *essencialismo*. Assim, a partir, da análise do lugar histórico da mulher e da sua escrita, o presente trabalho propõe-se discutir como o ponto de vista essencialista contribui para a exclusão da escrita de autoria feminina do cânone literário e para o silenciamento de vozes femininas; em contrapartida, apresentará a importância da teoria literária anglo-americana, com Judith Butler e Elaine Showalter, para o empoderamento dessas vozes.

Palavras-chave: autoria feminina, História da Literatura, Estudos de Gênero.

MICHELLE VASCONCELOS OLIVEIRA DO NASCIMENTO doutora e mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; é pós-doutoranda em História da Literatura na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), pela FAPERGS/CAPES, atua como professora de Literatura de Expressão Feminina no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande, coordena o Grupo de Pesquisa “Vozes Femininas e escritas do Si” (CNPQ), e o projeto “Literatura Feminina e escritas de si”, vinculados à Universidade Federal do Rio Grande e integra o Grupo de Trabalho “Imaginário, Representações Literárias e Deslocamentos Culturais” da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e pesquisa em Letras e Linguística) e o Grupo de Pesquisa “Figurações do Femininos: Florbela Espanca et *alli*”,

coordenado pela Professora Maria Lúcia Dal Farra, e atualmente organiza o projeto editorial da Edição Crítica das Obras Completas de Florbela Espanca, no Brasil, pela editora LiberArs.

Natália Pedroni Carminatti (Universidade Estadual Paulista, Araraquara)

Cora Coralina e a modernidade estética: a poesia dos becos de Goiás

O Brasil vivenciou, no século XX, impressionantes transformações. A semana de Arte Moderna (1922) proporcionou aos brasileiros uma nova concepção de arte e escrita literária. O ideal dos artistas estava muito bem delimitado: era preciso destruir os cânones e afirmar a diversificação. Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (1889-1985), poetisa brasileira, mais conhecida como Cora Coralina, pareceu-nos se adaptar a esse momento de constantes descobertas, uma vez que cuidou de poetizar a temática cotidiana, anteriormente considerada apoética. Ademais, conforme fizeram os célebres poetas modernistas, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade e um dos precursores da modernidade, Charles Baudelaire, Cora falou de temas banais e da pobreza. Ora, isso tudo divergia, ou melhor, afrontava os partidários dos movimentos, romântico e parnasiano. Em *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965), Coralina, bem como Baudelaire efetuara na França, versou sobre o lixo dos becos de Goiás, buscando sua valorização nesse lugar excluído pela sociedade. Posto isso, a presente comunicação intenta analisar alguns poemas do volume *Poemas dos becos de Goiás*, ressaltando sua pertinência para a modernidade estética. De acordo com Denófrío (2006), o estilo de Cora Coralina fora, fortemente, influenciado pela estética de 22, no que tange ao ritmo, à oralidade e ao espraiamento verbal. Dito isso, a despeito da marcante presença autobiográfica nas poesias da autora é, nas palavras de Adorno (2003), “o mergulho no individuado [que] eleva o poema lírico ao universal”. Isso significa dizer que a individualidade de sua poesia refletia a existência de muitos homens e mulheres marginalizados.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Modernidade, Poesia, Cora Coralina

NATÁLIA PEDRONI CARMINATTI Formada em Letras (Licenciatura e Bacharelado/Habilitação em Língua Francesa e em Língua Inglesa) pela Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara – São Paulo. Além disso, é mestra em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, UNESP/Araraquara. Atualmente, é doutoranda e bolsista CNPQ do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários dessa mesma instituição universitária. Realizou intercâmbio universitário, seguindo disciplinas do curso de Letras Modernas na *Faculté de Lettres – Université Charles de Gaulle – Lille 3*. Ainda, como ouvinte,

assistiu a três sessões do Seminário *Geração de Orpheu*, do Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal). Participou de Curso de Extensão sobre *Formation de professeurs: au-delà du livre didactique*, promovido pela Associação de Professores de Francês do Estado de São Paulo. Apresentou, em 2014, trabalho no Congresso Internacional da Universidade Católica de Braga, Portugal. Atuou, também no ano 2014, como docente das disciplinas de Literatura Brasileira, Portuguesa e Leitura e Produção de Textos do Instituto Municipal de Ensino Superior – FAFICA/Catanduva. Ademais, ministra o curso de extensão universitária em Língua Francesa, na Faculdade de Ciências Agrônomicas – UNESP/Botucatu e faz Licenciatura em Letras – Língua e Literatura Italianas.

Paulo Drumond Braga (Escola Superior de Educação Almeida Garrett / CEPSE)

A homossexualidade feminina em perspectiva histórica

A homossexualidade feminina começou por ser considerada um pecado, tendo passado, nos finais da Idade Média, à categoria de crime, e, em Oitocentos, à de doença. Acha-se documentada em Portugal desde tempos medievais, nomeadamente nalgumas cantigas de escarnho e de maldizer e em penitenciais. Mais tarde, está presente no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende e em vários documentos oriundos do Tribunal da Inquisição. Nos séculos XIX e XX, as principais fontes são de índole literária, mas há igualmente informações em obras médicas. É este percurso que se pretende traçar na presente palestra.

Palavras-chave: Homossexualidade feminina, Portugal, Idade Média, Época Moderna, Época Contemporânea

PAULO DRUMOND BRAGA é licenciado em História (1987) e Mestre em História da Idade Média (1992) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Doutor em História dos Descobrimentos e da Expansão pela mesma universidade (1997). Leciona, desde 1997, na Escola Superior de Educação Almeida Garrett (Lisboa), sendo investigador do Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade da Universidade do Porto (CEPESE) da Universidade do Porto.

Participou, como comunicante, em numerosos congressos científicos realizados em Portugal, Espanha, Alemanha, Itália, Reino Unido e Brasil e é autor de cerca de uma centena de artigos saídos em revistas portuguesas, espanholas e brasileiras.

É autor de 20 livros, entre os quais *A Inquisição nos Açores* (1997); *D. João III* (2002); *Coimbra e a Delinquência Estudantil (1580-1640)* (2003); *D. Pedro II. Uma Biografia* (2006); *A Princesa na Sombra. D. Maria Francisca*

Benedita (1746-1829) (2007); *Filhas de Safo. Uma História da Homossexualidade Feminina em Portugal (Séculos XIII-XX)* (2010); *D. Pedro III. O Rei Esquecido* (2013); *A Rainha Discreta. Mariana Vitória de Bourbon* (2014); *À Cabeceira do Rei. Doenças e Causas de Morte dos Soberanos Portugueses entre os Séculos XII e XX* (2014).

Paulo Motta Oliveira (Universidade de São Paulo / CNPq)

De Dumas Filho a Ana Plácido, passando por Camilo e Alencar: alguns apontamentos

O tema da cortesã foi importante para a literatura oitocentista. Em nossa fala, pretendemos partir do incontornável *A Dama das Camélias* de Dumas Filho para refletir sobre alguns aspectos de *Coração, Cabeça e Estômago* e *A Mulher Fatal*, ambos, como sabemos, de Camilo Castelo Branco, e *Lucíola* de José de Alencar. Esta primeira abordagem permitirá que tracemos algumas pontes com a representação da mulher em o *Luz Coada entre Ferros* de Ana Plácido.

Palavras-chave: literatura francesa, literatura de língua portuguesa, Ana Plácido.

Paulo Motta OLIVEIRA é Professor Associado da Universidade de São Paulo e bolsista do CNPq. Faz parte do projeto temático “Circulação Transatlântica dos Impressos – a globalização da cultura no século XIX” financiado pela FAPESP. Concluiu o doutorado em Teoria e História Literária pela UNICAMP em 1995. Realizou quatro pós-doutorados, todos com apoio da FAPESP: dois na Universidade de Lisboa, um na Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, e o último, de janeiro de 2013 a janeiro de 2014, na Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3. Defendeu a livre-docência em Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo em 2006. Foi professor convidado da Université Lyon 2 também em 2006.

Silvana Vieira da Silva (Universidade Estadual Paulista, Araraquara)

Marinetti X Valentine de Saint-Point: feminismos e futurismos

A hoje esquecida Valentine de Saint-Point (1875-1953) ousou desafiar o misógino Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944), autor do *Manifesto Futurista* (1909), ao escrever o *Manifeste de la Femme Futuriste*, em 1912. Assim como seu antecessor, Saint-Point lança seu texto na Itália e na França, na tentativa de atingir o mesmo público-alvo de Marinetti. O subtítulo do *Manifeste de la Femme Futuriste* mostra bem a que veio: *Réponse à F. T. Marinetti*. Além disso, Saint-Point escolhe como epígrafe o famoso trecho do manifesto italiano: “Nous voulons glorifier la guerre – seule hygiène du

monde –, le militarisme, le patriotisme, le geste destructeur des anarchistes, les belles idées pour lesquelles on meurt et le mépris de la femme (grifo nosso)". Valentine de Saint-Point compara homens a/e mulheres no interior de seu texto polêmico, ao mesmo tempo em que diz que “il est absurde de diviser l’humanité en femmes et en hommes”. Para a escritora, homens e mulheres são, antes de mais nada, indivíduos. Assim, percebe-se que suas teorias nada têm de feministas: “Mais pas de Féminisme. Le Féminisme est une erreur politique. Le Féminisme est une erreur cérébrale de la femme, erreur que reconnaîtra son instinct”. Marinetti, por sua vez, afirma em um pequeno manifesto intitulado *Contre l’amour et le parlementarisme*, de 1911: “Oui, nous méprisons la femme-réservoir d’amour, engin de volupté, la femme-poison, la femme-biblot tragique, la femme fragile, obsédante et fatale”. O objetivo de nossa comunicação é de comparar os dois manifestos, tendo como base a visão da figura da mulher do início do século XX através de dois pontos de vista diferentes: por um lado, uma mulher liberal para sua época, descendente do poeta francês Lamartine, e, por outro, as ideias de um homem de posses, de ideias duvidosas sobre a guerra (a mesma guerra que teve Saint-Point como Dama da Cruz Vermelha, diga-se de passagem), provocador irreverente, defensor do fascismo e crítico mordaz das mulheres.

SILVANA VIEIRA DA SILVA Possui graduação em Letras (Licenciatura e Bacharelado – Francês-Português-Grego) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1984), mestrado em Letras (Língua e Literatura Francesa) pela Universidade de São Paulo (1994) e doutorado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999). Fez pós-doutorados de curta duração (em 2001, 2005/2006) nos Estados Unidos e França (2010-2011, de 12 meses). Atualmente é membro do corpo editorial da Revista *Lettres Françaises* (São Paulo) (1414-025X) e professora assistente doutora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (docente de FLE – Formação de Professores de Francês no curso de licenciatura em Letras-Francês, responsável pela docência em língua francesa 1, 2, 3, 4 e respectivas literaturas, de 1988 até data atual.). Faz parte do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da FCLAr (UNESP). Orienta vários mestrados, doutorados e pós-doutorados. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Estrangeiras Modernas, e atua principalmente nos seguintes temas: Guillaume Apollinaire, poesia francesa, Jacques Prévert, lírica e vanguardas e ensino e aprendizagem de FLE. Em 2003, publicou o livro *Guillaume Apollinaire: fábula e lírica*, pela Editora da UNESP. É autora de vários artigos publicados em revistas nacionais e internacionais, além de várias traduções. É coordenadora do PIBID Letras-Francês desde 2014 (nova versão) e colaboradora durante os anos de 2012-13. Foi coordenadora do projeto apresentado à CAPES PLI em 2014. Atua como tutora junto à Université de Toulouse - Jean Jaurès.

Victor K. Mendes (Universidade de Massachusetts Dartmouth)

As mulheres e Fernando Pessoa

Partindo da análise d’“A Carta da Corcunda para o Serralheiro” (circa 1930) publicada no meu “The Ecology of Writing: Maria José’s Fernando Pessoa” (in *Fernando Pessoa’s Modernity without Borders*, ed. Mariana Gray de Castro, 2013, e disponível em https://www.academia.edu/4059151/The_Ecology_of_Writing_Maria_Jos%C3%A9s_Fernando_Pessoa), esta comunicação procura expandir esse argumento de leitura crítica, alargando a análise a outros textos relevantes para o tópico da representação das mulheres na sua obra, como o conto “Maridos”, os “Conselhos às malcasadas” do *Livro do desassossego*, ou *Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz: Correspondência amorosa completa 1919-1935*, ed. Richard Zenith. Procuo igualmente dialogar criticamente com as leituras de Isabel Allegro de Magalhães (1996), Anna Klobucka e Mark Sabine (2007), José Barreto (2011) e Paulo de Medeiros (2015) a respeito da representação das mulheres na obra pessoana.

Palavras-chave: Fernando Pessoa, modernismo português, representação das mulheres em Fernando Pessoa, representação das mulheres no modernismo.

VICTOR K. MENDES é professor associado e diretor do PhD in Luso-Afro-Brazilian Studies and Theory na Universidade de Massachusetts Dartmouth. Foi editor da revista semestral *Portuguese Literary & Cultural Studies*, <http://www.portstudies.umassd.edu/plcs/>, entre 1998 e 2013. Desde 2008 é editor da série de livros híbridos de acesso livre [hybrid books in open access] *luso-asio-afro-brazilian studies & theory*, disponível em www.laabst.net No contexto dos estudos pessoanos, entre outros contributos, organizou o volume da *Portuguese Literary & Cultural Studies 3: Pessoa’s Alberto Caeiro* (1999). Entre as suas publicações mais pertinentes para o tópico *as mulheres em Pessoa*, contam-se “The Ecology of Writing: Maria José’s Fernando Pessoa” (in *Fernando Pessoa’s Modernity without Borders*, ed. Mariana Gray de Castro, 2013) e o recentemente concluído “Animais, plantas e a crítica do antropocentrismo no *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa” (disponível em https://docs.google.com/document/d/1HRuFn_zOkCrbvIU8dgzi3CrX65KlqXIr2QpDQZwVVEs/edit?usp=sharing), que aparecerá na edição de outono de 2015 da revista *Estranhar Pessoa*.

Comissão Organizadora:

Ana Luísa Vilela (Universidade de Évora – CEL)

Annabela Rita (Universidade de Lisboa – CLEPUL)

Fabio Mario da Silva (Universidade de São Paulo / FAPESP / CLEPUL /
CNPq)

Maria Lúcia Dal Farra (Universidade Federal de Sergipe – CNPq)

